

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO
E EXTENSÃO – COGEAE
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ALESSANDRA SIMÕES DOS SANTOS

**A IRONIA PRESENTE NAS CARTAS DE LEITOR DE JORNAIS IMPRESSOS:
ESTADO DE S. PAULO E FOLHA DE S. PAULO**

São Paulo

2015

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO
E EXTENSÃO – COGEAE
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ALESSANDRA SIMÕES DOS SANTOS

**A IRONIA PRESENTE NAS CARTAS DE LEITOR DE JORNAIS IMPRESSOS:
ESTADO DE S. PAULO E FOLHA DE S. PAULO**

Monografia apresentada à Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência da nota parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^a. Dra. Lilian Ghiuro Passarelli.

São Paulo

2015

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre esteve comigo nos momentos bons e ruins e acompanharam todo processo de produção da monografia. Dedico também aos amigos íntimos que me deram o apoio que eu precisava quando pensei, muitas vezes, em desistir. A todos, um abraço carinhoso. Sou exageradamente grata por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por permitir que eu chegasse até onde cheguei, pela sua proteção e pela força que me fez suportar tantas dificuldades. Por ter me tornado forte em espírito, o que contribuiu para que eu não desanimasse diante de tal desafio.

Aos meus pais e minha irmã que fizeram tudo o que era possível para que os problemas da família não tirassem o meu foco do trabalho. Por sempre terem torcido por mim, me apoiado e me suportado nos dias complicados, nos dias de impaciência e desânimo. A essa família tão amada e tão maravilhosa que, sem eles, eu nada seria.

Meu muito obrigada ao namorado, Marco Antônio Seschi, que sempre esteve ao meu lado, acompanhando passo a passo cada detalhe deste trabalho. Por sempre se preocupar comigo, por cuidar de mim e fazer com que tudo parecesse tão fácil, ficando sempre ao meu lado, dando broncas, fazendo elogios e cedendo tempo, que gostaríamos juntos, para que eu pudesse finalizar com mais tranquilidade a monografia que sempre me preocupou. Por sempre me entender e me ouvir.

A alguns amigos especiais e próximos que acompanharam, de longe, o meu sofrimento, compreendendo as minhas situações de tensão, se oferecendo para ajudar com material para estudo ou até mesmo, dando-me apoio moral e força para que eu não parasse no meio do caminho. Pela compreensão e o carinho que sempre tiveram por mim. Em especial, à grande amiga de longa data, Wanessa Priolli, que aguentou meus desabafos e esteve comigo principalmente nos momentos mais difíceis desses últimos anos. Por ser minha irmã de coração.

Aos colegas de turma, que me aguentaram em todo o período de estudos da pós-graduação: Cintia Lunetta, Luciana Cerchiaro, Rodrigo de Azevedo e Vera Lúcia Cirilo. Obrigada a todos vocês pelas risadas descontraídas que tornaram todo esse processo menos doloroso e mais divertido. Obrigada pelo carinho e cuidados que sempre tiveram comigo e obrigada pelos conselhos sempre muito bem aceitos. Sentirei sempre saudade dessa época porque vocês são muito especiais.

Por fim, não menos importante, à minha orientadora, Lilian Passarelli, que foi paciente e sempre foi prestativa e dedicada em me ajudar.

A todos vocês, um abraço exageradamente apertado e meu muito obrigada por tudo o que fizeram e fazem por mim.

Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela.

(LISPECTOR, Clarice, p. 20, 1998.)

RESUMO

Este trabalho foi feito com base nos estudos dos autores citados abaixo juntamente com outras pesquisas relacionadas que também enriquecem as teorias sobre o assunto. Esta monografia faz um breve estudo da ironia e do discurso irônico presente em cartas dos leitores que são usadas como ferramentas para a crítica social. As cartas analisadas foram selecionadas dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, possivelmente os maiores e mais populares jornais do Estado. Essas cartas foram escritas por leitores e têm como objetivo explorar algum desconforto ou incômodo que se fazem presente na vida dos leitores deste veículo impresso. Neste trabalho são apresentados os conceitos de gênero textual, as diferenças entre ele e os tipos textuais e as características da carta do leitor (sua origem, função etc.), tendo como principal referência teórica os estudos de Brait, Bakhtin e Marcuschi. Será apresentado em seguida, a teoria sobre os conceitos da ironia (tais como função, características etc.), relacionando-a com o humor que pode vir presente nestas cartas, demonstrando também a construção de um discurso irônico. De uma forma concisa e direta, será possível conhecer algumas estratégias que servem como base para a manifestação da crítica feita pelos leitores nestas cartas direcionadas à redação destes jornais. Cartas estas que usam a ironia como forma de manifestar o ponto de vista do leitor, tanto quanto o possível ponto de vista de uma sociedade como um todo. Com os capítulos finais ancorados nos estudos de Maingueneau, Muecke e Orlandi tornar-se-á possível compreender a relação da ironia com a polifonia que se faz presente em muitos textos publicados na seção do leitor, relacionando-os com a importância da contextualização do leitor e o efeito da ambiguidade e de outros recursos (como pontuação) dentro destas cartas irônicas. Por fim, notam-se os possíveis efeitos que a ironia pode provocar na interpretação feita pelos leitores dos jornais.

ABSTRACT

This term paper was done with the base in the studies of the authors quoted below together with other researches related that also enriched the theories about the subject. This monograph does a brief study of irony and the irony speech existent in reader's letters that are used as a tool to social criticism. The analyzed letters were selected from the newspapers *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S. Paulo*, possibly the biggest and most popular newspapers of the state. This letters were written by readers and have as a goal to exploit some discomfort or awkwardness that is existent in these printed press reader's lives. In this term paper are presented contextual genre concepts, the differences between it and the textual types are the properties of the reader's letter (his origin, function etc.), having main theoretical reference the studies of Brait, Bakhtin and Marcuschi. It will be presented next, the theory about the concepts of irony (as function, characteristics etc.), relating it with the humor that can exist in those letters, demonstrating also the construction of a ironic speech. In a concisely and direct way, it will be possible to know some strategies that serve as a base to the critical manifestation done by readers in those letters directed to the editorial staff of those newspapers. These letters that uses the irony as a way to manifest a point of view from the reader, as much as possible the point of view of society as a whole. With the final chapters anchored in the studies of Maingueneau, Muecke and Orlandi became possible to comprehend the relationship of irony with the poliphony that is presente in many published texts in reader's section, relating it with the importance of the reader's contextualization, the efect of the ambiguity and others resourcers (as punctuation) inside these ironic letters. Finally, it's observable the possible efects that the irony can provoke in the interpretation done by the newspaper's readers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO 1 - GÊNERO TEXTUAL	14
1.1. Noções conceituais	14
1.2. Diferenças entre gênero e tipo textual	18
1.3. Definição e função - Peculiaridades funcionais e organizacionais ...	21
2. CAPÍTULO 2 - GÊNERO CARTA DO LEITOR	24
2.1. Origem e conceito	24
2.2. Estrutura e função	29
3. CAPÍTULO 3 – IRONIA, HUMOR E DISCURSO	33
3.1. Definição e funcionalidade da ironia e sua relação com o humor	33
3.2. Discurso irônico	41
4. CAPÍTULO 4 - CARTAS DO JORNAL IMPRESSO E A CRÍTICA SOCIAL	47
4.1. Cartas (irônicas) do leitor do jornal impresso: locutor/enunciador, <i>slogan</i> e polifonia	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
FONTES ELETRÔNICAS	68

INTRODUÇÃO

Estamos na era da internet como ferramenta principal de leitura e pesquisa, porém, a tradição do material impresso ainda existe. Um deles é o jornal, veículo de comunicação que tem como principal função informar os leitores com notícias do interesse da população.

Os jornais que possuem certa tradição no estado de São Paulo são *O Estado de S. Paulo* (ou Estadão, como muitos conhecem) e o *Folha de S. Paulo*. Por conta dessa referência de leitura e popularidade, o *corpus* selecionado para a análise que realizaremos a seguir, foi retirado destes impressos.

Todo e qualquer jornal é um veículo importante de informação. Ele divulga opiniões e solidifica seu discurso e a posição do jornal a cada notícia que é dada. Mesmo com o avanço da tecnologia, a importância do jornal impresso ainda permanece, tanto que outras empresas de jornalismo impresso ainda são criadas. Devido à popularização da internet, a divulgação on-line das notícias que também são impressas serve para reforçar o poder da comunicação e da informação. Com o avanço desta tecnologia na informação e juntamente com o dia a dia corriqueiro, a facilidade em obter notícias é muito grande e essas informações/notícias são repassadas aos leitores de forma muito rápida. Sendo assim, a multiplicação da informação dentro da rede eletrônica se torna imensa, mas por conta dessa rapidez, algumas notícias podem ser passadas de forma superficial e/ou errônea, em alguns momentos, e por consequência isso pode incomodar os leitores mais críticos e exigentes, por exemplo.

Nos dias atuais, o jornal impresso, mesmo com a facilidade de informações e notícias que temos com a internet, ainda é uma mídia muito bem aceita pelo seu público. Há quem não abra mão de ter um jornal em mãos, quem já tenha um certo hábito de leitura impressa. Qualquer jornal possui uma determinada posição em relação às notícias que publica e o seu leitor tem a liberdade de discordar ou apoiar publicamente esse discurso criando assim uma interação mais ativa. A materialização deste gênero se dá por meio físico (jornal impresso), que é seu suporte. Nos jornais citados acima, há uma seção específica no qual o leitor do jornal tem um espaço para manifestar a sua opinião, fazer um elogio, sugestão etc. É onde o público-alvo de leitores pode se manifestar e onde

se localiza o gênero *carta do leitor*, que estabelece um diálogo entre o jornal e seu público.

Por conta da necessidade de informação, muitas vezes, as notícias são passadas de forma rápida (tanto versão eletrônica quanto impressa), ou até imprecisa, podendo gerar no seu leitor certo descontentamento seja pela notícia em si ou por outros fatores. Tais descontentamentos podem ser expostos pelo leitor nesta seção, por meio desta carta específica, que possui uma estrutura diferenciada de uma carta comum e pessoal.

A carta do leitor tem como características básicas, a concisão de ideias, tornando o texto curto (pelo menos na parte publicada) e geralmente surge como meio de o leitor do jornal ter sua voz ouvida, por meio de uma crítica, um elogio, algo que ele sinta a necessidade de compartilhar com outros leitores, além da própria redação do veículo a que se destina a carta. É uma forma de participar mais ativamente de assuntos do interesse individual e também social.

Tendo como objetivo maior a crítica de algo, o leitor pode fazer uso de alguns recursos linguísticos para se manifestar, desde metáforas até provérbios, por exemplo. A que temos como foco neste trabalho é a ironia.

A ironia é considerada por alguns estudiosos como uma ferramenta e por outros como uma figura de linguagem. Independente de qual seja seu conceito, podemos perceber que ela tem certo impacto sobre os receptores da mensagem (seja ela verbal ou não verbal) quando usada. Por ter tal efeito é muito comum a sua presença, mesmo que discreta, em cartas de leitores.

A ironia pode camuflar a tensão do assunto por meio de um humor enrustido assim como pode ser, de certa forma, agressiva e séria. Tudo depende do objetivo do interlocutor ao usá-la.

Quando a ironia é usada às suas custas, você se torna seu alvo – quer você compreenda a ironia pretendida, quer não. Os interpretadores, entretanto, podem sentir raiva pelas atitudes ou pelos valores inferidos na elocução irônica, e para isso eles teriam apenas de entender, e não compartilhar ou apreciar aquelas atitudes (HUTCHEON *apud* ALAVARCE, 2009, 44).

Por conta da ambiguidade, ideias contraditórias a ironia pode provocar interpretações diversas e, muitas vezes o leitor precisará de certo esforço e usar o seu conhecimento compartilhado para que entenda a ironia usada no texto lido.

A ironia serve, na maioria das vezes, para construir uma crítica de uma forma não tão direta. Seu efeito pode causar humor e fazer uma crítica ao mesmo tempo. Com uma linguagem irônica o leitor do jornal, ao se manifestar por meio da carta, pode expor sua opinião sem se comprometer de uma forma explícita, usando de outras artíficos que contribuem tanto para o reforço da ironia quanto da real mensagem que este propõe aos leitores da seção.

Para compreender a ironia infiltrada nas cartas dos leitores é preciso antes, compreender a intertextualidade e ter conhecimento sobre o jornal, sobre o contexto em que ambos (jornal e leitor) se inserem e o conhecimento prévio é elemento essencial para que a ironia atinja o resultado que se espera: reflexão por meio de uma crítica embutida no humor que podemos chamar de “discreto”. Como Alavarce (2009, p. 28) diz “o contraste entre a aparência e a realidade é o traço básico de toda ironia” e, por isso, há de ter certo cuidado na interpretação de um texto irônico. Vários aspectos devem ser investigados e refletidos a fim de se obter uma compreensão mais efetiva, seja da ironia, seja do texto geral.

Tendo em vista os detalhes especificados, torna-se necessária uma análise objetiva, focada na manifestação da ironia e nos seus possíveis efeitos para o leitor. Isso será realizado com base em pesquisas de grandes estudiosos da área de modo a haver uma reflexão sobre a presença e influência da ironia no gênero carta do leitor, como elemento intertextual e interdiscursivo, observando os efeitos dessa conexão estabelecida e a carga argumentativa que possa ter o discurso irônico.

É importante saber de que forma a ironia se instala nestas cartas para que se compreenda que propósito se cumpre com esse discurso irônico. Compreender e analisar as cartas dos leitores é tentar entender a intertextualidade e interdiscursividade que estão presentes e que, por meio da ironia, podem influenciar diretamente quem as lê.

CAPÍTULO 1 - GÊNERO TEXTUAL

1.1. NOÇÕES CONCEITUAIS

Somos seres falantes que usufruímos da língua para expressarmos-nos da maneira como nos convém e interessa em determinado momento. Conseguimos tal feito por meio da linguagem oral, escrita, por meio de gestos etc. Toda pessoa se utiliza de alguma estratégia para interagir com outras pessoas. Tais estratégias facilitam essa interação, chegando até a nos direcionar em grupos específicos de acordo com o assunto e destinatários.

Todo interlocutor tem uma intenção ao se comunicar e ele pode usar vários tipos de linguagem e meios que encaminhem, da melhor forma, suas intenções e pontos de vista. Para que isso seja possível – a comunicação se dê de forma efetiva –, algumas ferramentas são necessárias para que haja essa comunicação eficaz entre as partes e que a compreensão seja clara.

A origem dos gêneros vem da retórica antiga com Aristóteles e de acordo com Silveira (*apud* Ferreira e Lima, 2005, p. 2-3), “a retórica constitui o mais antigo estudo sobre os usos do discurso, verificando-se já, no chamado sistema retórico, a preocupação explícita com os gêneros na atividade discursiva”. Com isso podemos perceber que o intuito de Aristóteles foi, na verdade, direcionar o interlocutor de acordo com o seu objetivo e público. Objetivo fundamental do gênero textual. Assim, é possível notar que o gênero textual surgiu como ferramenta discursiva que norteia interlocutor e discurso.

Os gêneros surgiram tendo como função guiar o interlocutor. Por meio deles conseguimos enfocar o nosso objetivo (transmitir a mensagem corretamente) e tornar o resultado satisfatório. Como disse Lima (2010, p. 27) “os autores e as obras se movem mas os gêneros textuais é o que os conduzem”. O gênero nada mais é que o carro que trafega na sociedade, distribuindo informações, intenções e discursos que fazem parte do dia a dia de cada cidadão em seu círculo social, mantendo um padrão organizado e, de certa forma, sistematizado. De tamanha importância na comunicação social, os gêneros textuais são mutáveis e “assim como surgem, podem desaparecer” (Marcuschi, 2010, p. 20).

O autor (Marcuschi, 2010, p. 20) também fala trata da criação dos gêneros, dividindo-os em três fases: a primeira, que se baseia na cultura oral, a segunda, em há a multiplicação de gêneros e a terceira, na qual o gênero se expandiu.

A primeira fase ficou marcada pela limitação dos gêneros, pois a cultura oral era a que prevalecia e não havia registros com os quais se pudesse classificar e organizar os textos (no caso, orais) que eram produzidos. Já na segunda fase citada por Marcuschi, houve a pluralização dos gêneros devido à era alfabética, aproximadamente no séc. VII a.C. A criação do alfabeto possibilitou uma organização dos textos produzidos, ainda com foco na oralidade. Por fim, a terceira fase foi marcada pelo período da industrialização (séc. XV). Neste período há a criação do material impresso, que permite divulgar mais e melhor os textos criados, possibilitando assim um novo olhar mais direcionado ao propósito dos gêneros na sociedade.

Todas essas fases são de extrema importância na história dos gêneros, pois se pode reparar o quanto eles se expandiram e o quanto influenciaram toda a sociedade, facilitando a comunicação entre todos. Por meio dessas fases citadas por Marcuschi podemos perceber a evolução dos gêneros textuais até os dias atuais.

Ele também nos situa atualmente na era dos inúmeros gêneros, atribuindo responsabilidade à tecnologia presente e indispensável nos dias de hoje. É necessário, obviamente, reconhecer que essa “proliferação” de gêneros ocorre por conta da era digital em que vivemos, da necessidade de informação rápida e da velocidade em que essas informações conseguem atingir nosso destinatário, não nos esquecendo de que o suporte comunicativo tem grande influência na permanência dos gêneros com o passar dos tempos. É por meio desses suportes que alguns gêneros sobrevivem (e dão origem a outros) por tanto tempo.

Obviamente, mais que no período da criação impressa, hoje esses gêneros eletrônicos multiplicam-se de forma muito mais veloz, consequentemente algumas estruturas são menos sofisticadas (uma vez que muitas derivam de gêneros escritos, por exemplo), mas não menos importantes. A dimensão histórica e social dos gêneros ainda reflete muito nos gêneros atuais e podemos perceber isso pelas diversas mutações que eles vêm sofrendo nos últimos anos.

Pode-se dizer que o gênero é uma camada grossa que envolve todo o discurso, intenção e vivência de um determinado interlocutor ou grupo e que, dentro dela, podemos encontrar uma infinidade de informações relevantes.

Gêneros textuais são línguas em uso social, seja quando usamos a língua na escola, seja quando usamos a língua fora dela para nossa comunicação, seja quando usamos gêneros escritos, seja quando usamos gêneros orais. Os gêneros são língua em uso, são línguas vivas, são instrumentos de comunicação (MARCUSCHI, 2003, p. 35).

O gênero textual surgiu para estabelecer uma conexão mais direcionada à finalidade do interlocutor. Tal conceito foi inserido no dia a dia, na oralidade e escrita, a fim de facilitar a forma de expressão de cada um. Eis uma explicação pertinente:

Como certos gêneros já têm um determinado uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional permite enfatizar com mais vigor os novos objetivos (MARCUSCHI, 2003, p. 2).

Podemos dizer que o gênero textual é um produto sócio-histórico modificado e que, por isso, fazemos o uso de vários gêneros textuais ao longo da nossa vida que, muitas vezes, nem percebemos. Apropriamo-nos dele sem notar o quanto ele facilita a comunicação, convívio e diálogo. Sobre a troca de informações entre os sujeitos:

Tanto enunciador como ouvinte usam suas experiências de tipos de enunciados para fazer sentido da situação e para tipificar o momento e a resposta. O arquivo ou repertório pessoal pode ser usado, avaliado, reformado, recomposto por ambos, o enunciador e o ouvinte, à luz de suas perspectivas e interesses, mas o grau de congruência entre os gêneros invocados na produção e recepção determina o grau de congruência entre os entendimentos mútuos da situação e do enunciado (BAZERMAN, 2007, p. 22).

O gênero é uma atividade interativa e totalmente social. Cada gênero é originado pelas diversas atividades humanas diárias e sofrem constantes transformações e atualizações com o passar dos tempos. A intensidade no uso do gênero é que dita sua “permanência” numa cultura ou num povo. “Os gêneros, portanto, são construídos por conteúdo temático, estilo e organização, conforme a especificidade de uma esfera de qualquer ação” (Orra, 2013, p. 19).

1.2. DIFERENÇAS ENTRE GÊNERO E TIPO TEXTUAL

Atualmente, é muito comum a confusão entre o que é gênero e o que é tipo textual. Enquanto um está ligado à atividade social, o outro está ligado ao discurso.

Marcuschi (2010, p. 22) sustenta a ideia “de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Assim percebemos que gênero e tipo textual necessitam um do outro para a completude de ambos. Por isso, várias sequências tipológicas podem estar presentes dentro de apenas um gênero textual. Segundo Ferreira e Dias:

É o contato com vários textos que circulam no social que permite o desenvolvimento da capacidade metatextual por parte do indivíduo, possibilitando-lhe pensar no texto como objeto de conhecimento e verificar as características peculiares deste objeto. Ao mesmo tempo em que, é esta a capacidade que lhe garante a identificação e diferenciação dos gêneros textuais (FERREIRA e DIAS, 2005, p. 326).

Podemos tratar o gênero textual como manifestação das práticas *linguageiras* do dia a dia. Ele é uma competência comunicativa, resultado de uma ação social e produto de uma sociedade. Os gêneros são organizados, no geral, por seu conteúdo temático, pelo local onde circulam e, muitas vezes, pelo estilo de registro, como a formalidade ou informalidade (como um e-mail formal ou uma carta pessoal, por exemplo). Ele tem um enfoque em seu produto como um todo e seu uso (e sua frequência de uso) é o que molda o discurso que nele está inserido. Como cita Marcuschi (2010, p. 19), “os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”.

Diferentemente de gênero, o tipo textual se refere a sequências linguísticas com uma forma preestabelecida ligada ao discurso e ao seu propósito. São sequências enunciativas que possuem características específicas que guiam o leitor por meio de relação que envolve “ordem cronológica” ou tempo verbal, termos sintáticos e lexicais com uma descrição e apresentação de dados de forma

singular. A tipologia textual tem a função de nortear o falante quanto ao seu discurso.

Por possuir estas características específicas, elas são categorizadas em *narração*, *argumentação*, *descrição*, *injunção* e *exposição*.

A *narração* nada mais é que a ação de narrar, a narrativa; a *argumentação* é uma sequência de argumentos que tem por objetivo convencer ou persuadir o leitor de algo; a *descrição* opta por descrever lugares, personagens, objetos etc.; *injunção* é uma sequência textual de origem instrutiva, que tem por objetivo orientar o leitor/falante; por fim, o tipo *expositivo* que apresenta informações e dados, de forma imparcial, de algo. Marcuschi expõe mais detalhes:

Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas (MARCUSCHI, 2003, p. 10).

Diferentemente do gênero, o tipo textual vai guiar o leitor sobre as intenções do autor, sobre a mensagem que este lhe quis passar.

Isto implica dizer que, as intenções e objetivos do autor revelam-se na estrutura linguística do texto e que esta delimita (sem limitar) as possibilidades de construção de sentidos por parte do leitor. São as pistas linguísticas que favorecem, neste último, a ativação do conhecimento necessário para a reconstrução do mundo textual criado pelo autor (FERREIRA e DIAS, 2005, p. 324).

Ainda no que diz respeito aos gêneros, não podemos nos esquecer também dos *gêneros textuais digitais*, muito comuns nos dias de hoje. Estes, com características oriundas dos gêneros mais antigos ou tradicionais, estão tão incorporados ao dia a dia que mal percebemos a presença dessas sequências tipológicas que permeiam o discurso. Quanto aos gêneros podemos nos ater à citação de Marcuschi (2003, p. 8): “Por isso, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto”.

Uma vez que a importância dos gêneros se dá no plano comunicativo (situação comunicativa) e a tipologia textual no plano discursivo, podemos

observar o quanto ambos se tornam indispensáveis para uma interação entre os interlocutores.

1.3. DEFINIÇÃO E FUNÇÃO – PECULIARIDADES FUNCIONAIS E ORGANIZACIONAIS

Sabemos das funções do gênero e do tipo textual, mas se torna necessário conhecer como esses elementos se inter-relacionam e são usados na vivência de cada um nos grupos sociais, observando suas particularidades que são importantes para todo esse processo de comunicação. “Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos (Marcuschi, 2010, p. 26).”

Ele ainda (Marcuschi, 2010, p. 20) diz que os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”. Assim, fica evidente o foco do gênero no produto comunicativo.

Várias visões são defendidas por diferentes pesquisadores, mas Bakhtin (*apud* Rocha, 2008, p. 33) “aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal”. Ele também aponta e acredita na transmutação de gêneros e que um gênero pode gerar outro, como citado anteriormente. Exemplo real disso seria o gênero carta que, a partir dela, foi criado o email, carta precatória etc. Os gêneros mais recentes possuem claramente suas raízes nos gêneros anteriormente criados. É o gênero dando origem a outros gêneros.

É de extrema importância ressaltar que, na oralidade, o discurso do interlocutor é guiado por meio da sua expressão facial e gestos que colaboram para exemplificar o que está sendo dito. Ainda no ato de falar, temos o imprevisto, a rapidez dos pensamentos e da fala. São os gêneros textuais orais (como debate, palestra etc.). Como na escrita não temos esse recurso, o meio que utilizamos é o gênero textual escrito, pois, por meio dele, conseguimos direcionar o assunto ao público específico de forma repensada e revisada. Na escrita, temos obviamente o tempo para pensar e encaixar as palavras ao discurso e adequar ao público a quem a mensagem se destina. Uma boa conclusão para isso é a de Silva:

Desta forma, a comunicação escrita pode ser entendida como uma categoria especial de comunicação, que implica a relação dinâmica e ativa entre o leitor e texto, na qual o primeiro tem a função de reescrever os sentidos mediados pelo material impresso a partir de seu modelo mental de mundo (SILVA *apud* FERREIRA e DIAS, 2005, p. 323).

O gênero se solidifica na interação entre interlocutores, por meio do tipo textual e quanto mais conhecimento textual e prévio o leitor tiver, maior será sua compreensão do texto:

O leitor precisa compartilhar dos sentidos construídos pelo autor, mas precisa ser capaz de construir os seus próprios sentidos, que serão constituídos e orientados pelas suas vivências, experiências e conhecimentos, os quais se diferenciam tanto em conteúdo como em elaboração dos demais leitores e do próprio autor. (FERREIRA e DIAS, 2005, p. 324).

Os gêneros têm seu caráter social e cultural, sendo assim, por meio de um gênero textual, podemos observar o contexto em que o texto foi produzido, a que público se dirige, a intenção do autor da mensagem e, na maioria das vezes, quem é o autor.

A variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas este é um aspecto que somente o estudo intercultural dos gêneros poderá decidir. (MARCUSCHI, 2010, p. 34)

É importante observar que alguns gêneros propõem uma leitura diferenciada e com objetivo diferente, como por exemplo, uma receita, bula de remédio etc. Tais gêneros têm mensagens extremamente específicas e direcionadas também a um público específico, por isso, o leitor precisa ter um conhecimento textual e de mundo para que compreenda melhor a mensagem que o texto lhe passa. Todo leitor precisa entender a relevância textual e contextual do gênero que está a ler para que o gênero se concretize com as características que ele possui. “O leitor e o escritor precisam do gênero para criar um lugar de

encontro comunicativo legível da própria forma e conteúdo do texto”
(Bazerman, 2007, p. 23).

CAPÍTULO 2 - GÊNERO CARTA DO LEITOR

2.1. ORIGEM E CONCEITO

Todo veículo de comunicação é importante e não diferente disso é o jornal, seja impresso ou não. Por ser um veículo de ordem pública, há então, uma preocupação maior com o que se escreve, por conta do público a que se destina. Com esse cuidado e preocupação foi criada uma seção específica para o leitor. Seção esta que geralmente fica na segunda página do jornal. A exposição da seção varia de acordo com o estilo de diagramação do veículo. O nome dessa seção varia de jornal para jornal, mas todos eles recebem cartas do seu público leitor, conhecidas como *cartas de leitores*. Como consequência disso, houve a criação do gênero com o mesmo nome.

A carta do leitor surgiu como ferramenta de intermédio entre o veículo de comunicação (jornal, revista...) e o seu público. Esta derivou do gênero carta pessoal, possuindo basicamente as mesmas características, a princípio, mas são diferentes das cartas dos leitores, pois estas possuem um propósito muito mais específico, uma vez que é o retorno do próprio jornal àquele que é seu leitor. Quanto à presença da informalidade, ou o contrário, vai depender do estilo do jornal. Cada jornal ou revista possui um grupo de leitores diferente assim como sua maneira de expor suas publicações. Diferente da carta pessoal, a carta do leitor tem foco em um grupo específico – aquele que acompanha constantemente as publicações do veículo –, e não de forma individual, além de ter uma preocupação genérica em relação ao que este grupo expõe nas cartas, que depende do que este escreveu ao jornal ou revista.

As cartas de leitores sempre chegaram à redação dos jornais e revistas, mas houve um momento em que se viu necessário criar uma seção no jornal/revista para que cartas selecionadas fossem expostas a fim de “popularizar” tal veículo impresso. Como já dizia Melo (2009, p. 66) “(...) pressupõe-se que a carta do leitor seja um texto calcado na contextualização, um texto ‘dependente’, uma resposta a outro texto do jornal ou revista”, pois, por estar relacionada a assuntos do cotidiano, vários contextos contribuem para a criação e envio da carta para a empresa de comunicação. Chaves (2003, p. 94) afirma que “esse gênero jornalístico se define tanto pelo tema, estilo,

composição e situação de produção quanto pela espacialidade do texto”, mas seu plano e estrutura acabam variando de acordo com o padrão e estilo da empresa que o veicula.

Podemos dizer que a carta do leitor é uma resposta a uma pergunta, não manifestada explicitamente pelo jornal, que diz respeito à forma como o leitor encara, digere ou processa as informações passadas pelo veículo impresso em questão. Toda e qualquer correspondência vinda do leitor é de extrema importância para que o jornal verifique se está correspondendo às expectativas do seu público-leitor e se isso o tornará mais popular e vendável.

Uma boa definição deste gênero jornalístico:

A carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico, em seção fixa de revistas e jornais, denominada comumente de cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, reservada à correspondência dos leitores. É um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar entre outros (MELO *apud* MEDEIROS, 2009, p. 60).

Atualmente, por nos situarmos na era do avanço tecnológico, da eficiência e rapidez das informações, é mais comum, talvez, que muitas informações sejam repassadas de forma corriqueira, gerando em quem lê um desconforto ou descontentamento. Este leitor, por sua vez, pode se manifestar por este gênero tão comum e tão usado, a carta do leitor, que “é uma forma concreta de uso de leitura/escrita com função social” (Bezerra, 2010, p. 226).

A materialização do gênero carta do leitor é, em sua maior parte, predominante na versão impressa, mas não excluída da versão online:

A busca por informação convém lembrar, em qualquer que seja a mídia (jornais, televisão, internet), nos transforma em indivíduos consumidores da mercadoria-notícia (...). Ter acesso ao que aconteceu (ontem) ou ao que está acontecendo (hoje/agora) em determinado espaço (no bairro, no estado, no país e/ou no mundo) é uma ação que tem implicações no horizonte cognitivo do indivíduo e

na maneira de estar sendo inserido na sociedade de seu tempo (DIAS, 2010, p. 206).

É de extrema importância ressaltar que nem todas as cartas, por mais objetivas que sejam ao veículo de informação, são publicadas porque a quantidade de cartas recebidas, que varia de jornal para jornal, geralmente não permite que todas elas sejam expostas, uma vez que o espaço na seção a elas destinada também não é suficiente para suprir a demanda. Por conta dessas dificuldades, as cartas são criteriosamente selecionadas.

O envio de cartas à redação não resulta necessariamente em sua publicação. Em razão de grande quantidade de cartas enviadas diariamente às redações de jornais e revistas, uma seleção e uma adaptação das cartas ao espaço que lhes é destinado no veículo devem ser efetuadas pelo responsável da seção: o editor. Logo, as cartas publicadas distinguem-se formalmente das cartas originalmente enviadas (CHAVES, 2003, p. 86).

Sobre os conteúdos das cartas que podem ser resumidos (e são), parafraseados, Chaves manifesta quase uma denúncia:

A omissão de trechos da carta original justifica-se, segundo os editores, por restrições de espaço da seção. Apesar de justificável, uma tal manipulação das cartas revela a subjetividade daquele que opta por manter ou excluir informações contidas nas cartas (CHAVES, 2003, p. 104).

Por meio das explicações de Chaves é perceptível que essas cartas editadas tenham uma pequena mudança no discurso proposto pelo autor da carta (leitor do jornal), uma vez que outra pessoa, esta, participante da redação do jornal, tenha a liberdade de estruturar as cartas para que estas se encaixem na seção, da forma como exige o jornal, adaptando-as ao padrão estipulado pelo veículo a que presta seus serviços.

(...) ao eliminar a maior parte das informações contidas na carta original, selecionando apenas uma ou duas frases, o editor dá um

novo direcionamento argumentativo ao texto. (...) O processo de edição que as cartas sofrem deixa claro que nem sempre o discurso do leitor é preservado. Muitas vezes, o editor intervém de tal forma a ponto de mudar a orientação argumentativa da carta (...). (MELO *apud* CHAVES, 2003, p. 111).

O veículo em que circulam as cartas dos leitores é um veículo formador de opinião, repassador de informação e por isso eis a importância dessas cartas à redação. Mesmo que a grande parte das cartas que recebam não seja exposta na seção destinada ao leitor, elas servem como apoio/retorno para que jornalistas e colunistas se baseiem em como ou o que falar em edições posteriores.

Lima (2010, p. 23) dizia que “os jornais se aproximam hoje das revistas, como as revistas dos livros”, mas atualmente podemos observar que este gênero se tornou tão importante que migrou para a internet. Ambos (jornal e revista) agora se aproximam da era virtual e tecnológica. Porém, na internet, vemos modificação do gênero, pois a carta do leitor se transformou em comentários que são feitos na página virtual da notícia postada e de forma descompromissada e despojada que, na maior parte dos casos, o leitor só precisa ter um cadastro na página do site informativo para que então ele seja permitido em expor sua opinião. Na era de tecnologia, os gêneros são modificados a fim de facilitar e economizar tempo de quem escreve e opina na internet. O gênero se adapta ao seu suporte.

Qualquer gênero textual sofre transformações e atualizações constantes justamente por ser um ato social e estar ligado a um suporte que possui, explicitamente, a função de transmitir informações. O gênero carta do leitor molda o discurso porque já se sabe que se refere a uma opinião do leitor que estabelece um diálogo entre, no mínimo, dois sujeitos, possibilitando outros leitores de lerem e se inteirarem sobre o assunto em questão. Sendo assim, o objeto do discurso das partes acaba sendo de ordem pública e de interesse de todos: é o caráter extremamente social da carta do leitor que permite essa interação e troca de informações. “Assim, num movimento contrário, a carta do leitor é redigida por aqueles que leem o jornal e não por aqueles que o concebem (Chaves, 2003, p. 80)”.

“Os leitores-autores dialogam com artigos, reportagens, fatos, temas, jornalistas, entidades governamentais, autoridades, e até mesmo com leitores-

autores (...)” (Chaves, 2003, p. 123). O público pode, assim, ser um participante mais assíduo da sociedade, fazendo suas manifestações, suas críticas etc. Esse gênero torna-se o porta-voz de uma sociedade, uma ponte para a opinião daquele que constrói o jornal.

2.2. ESTRUTURA E FUNÇÃO

Como dito no capítulo anterior, o gênero carta do leitor é um meio que serve como intermediação entre o público-leitor e o jornal. Sendo um subgênero do gênero carta, ela possui características semelhantes, porém com propósitos diferentes, mais focados e para um público mais específico. “Carta é a manifestação opinativa, reivindicatória, cultural ou emocional do leitor (Chaparro *apud* Oliveira e Oliveira, 2007, p. 63)”. Uma definição clara é a de Chaves (2003, p. 81) que diz que “a carta do leitor nasce do gênero primário carta (familiar ou formal), que se caracteriza por um diálogo entre no mínimo dois participantes distanciados no tempo e no espaço”.

O jornal tem como função social informar o leitor, este por fim, tem o direito e espaço para opinar e argumentar sobre o que foi publicado. Tanto a seção quanto o gênero carta do leitor servem para permitir uma interação e troca de informações entre o jornal e sociedade leitora, obtendo o famoso *feedback*.

Por meio do gênero carta do leitor, o público pode fazer críticas, denúncias, elogios, sugestões que, a ver pelo jornal, é um modo simples de se estabelecer uma comunicação sadia com o leitor. Ação que também ajuda a direcionar o discurso e as publicações deste veículo. Uma vez que esta interação está bem estabelecida, o jornal tende a aumentar sua vendagem.

A carta do leitor tem um caráter público, eminentemente aberto. Não se escreve para um parente querido, um amigo próximo ou jornalista, em especial, mesmo quando parece ser o caso. Escreve-se para os possíveis leitores que, podendo ser qualquer um, são todos, é o público-leitor, heterogêneo e bastante determinado (MELO *apud* NOVAES, 2012, p. 78).

Quanto à estrutura, a carta do leitor se caracteriza por ser um texto curto e de caráter opinativo, além de se tratar de um texto mais sucinto e com grande carga subjetiva. Esses textos são expostos de acordo com a frequência de publicação do jornal. Ou seja: se o jornal é diário, terá cartas publicadas diariamente; se o jornal for semanal, as cartas serão publicadas semanalmente.

A respeito das especificidades:

O gênero carta do leitor comporta maior expressividade, visto não se tratar de um gênero padronizado, como o texto científico ou oficial, por exemplo. Essa expressividade corresponde ao desejo do leitor-autor de manifestar, por meio de uma linguagem subjetiva, seus propósitos a respeito de um determinado assunto. No jornalismo, esse gênero pressupõe o emprego de uma tal linguagem, visto que tanto o veículo quanto os leitores estão cientes das finalidades comunicativas ali expressas. É uma espécie de “contrato” entre locutor e destinatário, com o consentimento do veículo (CHAVES, 2003, p. 115).

Chaves (2003, p. 119) ainda reforça que este gênero “é a voz do leitor, única e pessoal, que expressa na carta os mais variados propósitos mediante um estilo muitas vezes impulsivo, emotivo e certamente crítico”. Como o jornal é um veículo formador de opinião, criador de cidadãos críticos, a carta enviada à redação do jornal nada mais é que produto desse processo de amadurecimento social.

Sobre as características genéricas da carta do leitor:

O gênero carta estrutura-se de modo temporal defasado, vinculando-se diretamente aos fatos que estão eclodindo no cerne social; ela constitui um estilo próprio e instável, suas características genéricas oscilam de acordo com a autoria. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2007, 63).

Geralmente, as cartas selecionadas para serem publicadas são, em sua maioria, referentes ao mesmo assunto (novamente, podendo variar de jornal para jornal). Na maior parte das vezes, o jornal opta por publicar cartas que tenham como referência algum assunto mais retratado na atualidade, o que, por hora, chama mais a atenção de quem lê, pelo menos a primeiro momento. O jornal enfatiza as notícias que julga mais adequadas para publicar no momento – e da forma que mais lhe convém –, e que vá, de acordo com a linha de pensamento do grupo editorial e jornalístico, atingir seu público de forma mais direta, fazendo, muitas vezes, com que o jornal fique mais atraente – ou não –, aos olhos dos leitores, uma vez que o que se publica e a forma com que se publica é o que construirá a identidade do veículo jornalístico impresso. Essa imagem é

construída por ele, tanto nas reportagens, nas colunas, publicidade quanto nas cartas de leitores que são publicadas.

A carta do leitor obedece às especificidades do gênero e do seu veículo, a mídia impressa, escrita. Exemplo disso é a diferença entre muitos jornais e revistas na seção em que publicam suas cartas: algumas cartas em alguns veículos possuem títulos, outras cartas têm os dados do autor antes da mensagem, ao invés de tê-los ao findar da carta etc. São detalhes que caracterizam cada jornal ou revista. Essa, talvez, seja a maior diferença entre as diversas seções existentes.

Podemos também observar que, além dessas cartas serem produzidas em primeira pessoa, o léxico empregado nelas varia de acordo com o autor e de acordo com a linguagem usada no jornal, por exemplo: um jornal que possui um público com um léxico mais culto, uma linguagem mais formal, obviamente, receberá (e publicará) textos do seu público que estejam dentro do mesmo padrão.

(...) através das cartas à redação, os leitores comuns podem participar do debate público, podem-se fazer ouvir, opinar sobre o que está acontecendo nas diferentes esferas sociais, podem tomar parte nas discussões de caráter político, econômico e social que estão em foco. A carta à redação transforma-se, portanto, num espaço de discussão, de debate de opiniões. Nas cartas, os leitores defendem ideias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos. A carta do leitor constitui-se, assim, num espaço privilegiado do diálogo entre discursos distintos (MELO *apud* CHAVES, 2003, p. 81).

Muitas vezes, as cartas publicadas conversam entre si, uma vez que são selecionadas, geralmente, por temas próximos.

(...) o reconhecimento e a compreensão da carta do leitor são facilitados pela situação de comunicação implicada na concepção desse gênero: os temas, os propósitos comunicativos, o estatuto do locutor (público-leitor), do destinatário (o jornal, a instituição, o governo, o homem público, os leitores em geral) e o suporte de veiculação (seção fixa do jornal) (CHAVES, 2003, p. 78).

Sua estrutura básica (Silva *apud* Bezerra, 2010) se baseia na seção de contato, no núcleo da carta e na seção de despedida que é basicamente a saudação, o corpo do texto ou mensagem do autor e a finalização desta. Importante ressaltar que “(...), o suporte também é um fator determinante do gênero carta do leitor, pois muitas vezes ele não apresenta os aspectos formais de carta, mas é perceptível no meio em que se veicula” (Orra, 2013, p. 22).

A respeito do conteúdo das cartas, há uma grande variação de jornal para jornal, tipo de público e assunto que está em pauta na época de sua publicação.

Em estudo sobre a carta do leitor nos jornais brasileiros, Melo (1999, p. 19) constata uma presença maior de cartas de reclamação, nas quais o leitor escreve “para se queixar, especialmente para se queixar do poder público” (CHAVES, 2003, p. 132).

Como textos com alta carga de subjetividade, essas cartas possuem a argumentação como tipo predominante.

(...) os editoriais jornalísticos atestam a ideologia de cada jornal a que pertencem, e o fazem por meio de técnicas argumentativas adotadas pelos seus autores com a finalidade de persuadir. Fato que nos permite evidenciar que existe um *ethos* cultural (conjunto de traços de caráter que o orador deve revelar ao auditório para causar boa impressão), constituído para o editorial e que as interpretações que fazemos dos argumentos estão condicionadas aos topoi (lugares retóricos) e à formação do sujeito histórico-social (PARREIRA, 200, p. 137).

Ainda assim, a carta do leitor é heterogênea, pois pode possuir outros tipos textuais, mas, em grande parte, são textos dissertativo-argumentativos que contrapõem posições de colunistas ou, muitas vezes, do próprio jornal em si. O leitor possui, por meio dessas cartas, a chance de participar da sociedade como cidadão ativo, crítico e modificador da realidade. É por meio das cartas e por meio de quem as escreve que temos a opinião pública talvez mais transparente e realista. É a opinião crua e sincera daquele que participa do que acontece na sociedade.

CAPÍTULO 3 – IRONIA, HUMOR E DISCURSO

3.1. DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE DA IRONIA E SUA RELAÇÃO COM O HUMOR

Neste capítulo serão tratados a relevância e uso da ironia dentro da sociedade como um todo, mas tendo como foco a presença desta ironia em textos escritos.

Quando falamos da ironia, é difícil achar um conceito tão exato que não nos faça confundir com a sátira e a paródia, por exemplo, mas ela será explorada logo mais a seguir, fazendo com que se percebam as suas divergências e convergências em relação ao seu processo de definição e amadurecimento do termo e seu uso no decorrer dos tempos.

A ironia está interligada ao humor e ao riso e antes de adentrar nos seus possíveis conceitos, torna-se necessária uma breve explanação sobre o humor, o riso e toda essa comicidade que os cerca.

A comicidade e o humor estão presentes no dia a dia de todos e se manifestam das mais variadas formas e por meio de diversos veículos comunicativos. O texto cômico desperta o riso e pode gerar outros “fenômenos”.

(...) A comicidade costuma estar associada ao descobrimento de defeitos, segredos e dos manifestos, daquele ou daquilo que suscita o riso. A comicidade decorre de uma contradição entre a forma e o conteúdo, a aparência e a essência (PROPP *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 27).

Um texto cômico/humorístico, para ser como tal, necessita provocar o riso. E a ironia trata-se exatamente disso: provocar o riso, o humor, mas de maneira diferente, com uma duplicidade semântica entre a mensagem enviada pelo seu autor e a mensagem recebida pelo seu leitor (no caso de textos escritos, que é o foco deste trabalho). Importante citar que “(...) a percepção do fato humorístico irá variar segundo a cultura a que as pessoas pertencem (Charaudeau *apud* Dias, 2014, p. 208).” O riso está ligado ao contextual e ao grupo a que está relacionado e só se dará como completo uma vez que os interlocutores da

mensagem estejam dentro do mesmo plano contextual e cultural, podendo, assim, o riso ter seu efeito esperado.

Ainda antes de compreender a consistência da ironia, devemos observar um conceito interessante sobre o riso (conceito este que está explicitamente ligado à ironia):

O riso é, antes de tudo, uma correção. Feito para humilhar, deve dar à pessoa que é objeto dele uma impressão penosa. Através dele se vinga a sociedade das liberdades praticadas para com ela. (...). O riso castiga certos defeitos pouco mais ou menos como a doença castiga certos excessos, apanhando inocentes, poupando culpados (...). Neste sentido, o riso não pode ser absolutamente justo. E repitamos que também não pode conter bondade. Tem por função intimidar, humilhando (BERGSON *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 20).

E mais:

O riso pode ser demonstração de algo que se acha engraçado ou uma espécie de castigo, pelo qual se corrigem desvios ocorridos dentro das normas rígidas de comportamento sob as quais os seres humanos vivem (BERGSON *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 17).

Todo riso, como podemos observar pelas citações acima, necessita de um “ponto fraco” que se possa explorá-lo e por meio dele provocar o riso esperado. Não há humor sem a crítica ao outro, sem a exploração daquilo que, às vistas do grupo a que se destina ou da sociedade, não é aparentemente agradável. E a ironia: uma forma não ofensiva – não diretamente –, de expor algo que se julgue necessário a fim de direcionar o olhar do seu leitor. Como Oliveira (2008, p. 20) explica: “Ri-se de tudo que é considerado feio, ridículo e deformável, tudo o que está fora do padrão dito ‘normal’.” Quanto ao humor no texto “... é relevante apontar que um texto humorístico pode valer mais do que um texto escrito, muitas vezes, devido ao seu teor crítico, porém tão logo pode ser esquecido” (Cavenaghi, 2011, p. 256).

Não podemos deixar de observar que é o modo como se vê as relações de conteúdo e contexto que dá a forma ao riso e que “o riso sempre é coletivo (Bergson *apud* Dias, p. 208, 2014)”. Aquilo que é cômico provoca o riso e este riso pode ser decorrente de um texto voluntariamente irônico e com grande teor

crítico, como trataremos no capítulo seguinte, com a análise de corpus específica.

Ainda sobre o riso e seus efeitos:

(...) é importante ressaltar que esses tipos de riso correspondem à categorias estéticas, enquanto que há mais dois tipos de risos extra-estéticas que são: o riso histérico e o riso provocado pelas cócegas. Porém, esses dois aspectos de riso não podem ser usados como recursos artísticos para se criar o humor, pois são formas involuntárias do riso (OLIVEIRA, 2008, p. 30).

Portanto, o tipo de riso que tratamos aqui é o riso voluntário, aquele que tem a intenção de provocar o humor, aquele humor, que “enquanto manifestação cultural, é um importante recurso para promover a reflexão e crítica social (Bergson *apud* Dias, 2014, p. 205).

Quanto às suas características, podemos finalizar a conceituação deste elemento com a citação de Possenti:

(...) o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido coerente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais (POSSENTI *apud* CAVENAGHI, 2011, p. 254).

A sociedade convive diariamente com o riso – seja ele voluntário ou involuntário –, por meio de jornais, revistas, televisão, rádio, internet etc. –, e muitas vezes o usa para expressar suas insatisfações. Exemplo disso vemos nas charges jornalísticas: de fatos cotidianos sendo expostos de maneira engraçada de forma ironizada, cômica, muitas vezes, utilizando-se de metáforas. Todas essas são estratégias que cada veículo usa a seu favor e ao notar a presença da ironia em textos cômicos – na televisão, no cinema, em propagandas eleitorais, tirinhas de jornais e as próprias cartas dos leitores –, percebemos que ela serve de ferramenta para uma exposição do interlocutor, mas de forma “distanciada”, pois como já esclarece Benetti (2007, p. 42), “a ironia é um grande recurso de formação de opinião”, ela e o humor são estratégias de linguagem que se tornam necessárias em momentos específicos. Detalhes de sua conceituação:

(...) apresentado, mais comumente como a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica o reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. Por isso a ironia pode ter formas e funções extremamente diversificadas, em que há pelo menos dois graus de evidência: um primeiro, em que o dito irônico quer ser percebido como tal, e um segundo – caso da ironia *humoresque* –, em que o objetivo é manter a ambiguidade e demonstrar a possibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo (DUARTE, 2006, p. 18).

Muecke (1982, p. 18) afirma que “(...) não podemos estabelecer a importância de ser irônico sem ao menos estabelecer a importância de ser sério”, informação cuja qual faz-nos observar que a ironia, antes de ter esse humor embutido, vem para falar de algo concreto e sério, pois ela surge, no geral, para expor uma crítica, esta que está fundamentada desde problemas de ordem social, cultural etc., até ou incômodos pessoais.

Para falarmos do conceito da palavra ironia, começamos com a importante informação de Muecke sobre a consistência da ironia e das mudanças sofridas com o passar do tempo:

Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem ter uma relação muito fraca. A evolução semântica do vocábulo foi acidental; historicamente, nosso conceito de ironia é o resultado cumulativo do fato de termos, de tempos em tempos no decurso dos séculos, aplicado o vocábulo ora intuitivamente, ora negligentemente, ora deliberadamente, a fenômenos que pareciam, talvez erroneamente, ter bastante semelhança com alguns outros fenômenos que pareciam aos quais, já o vínhamos aplicando (MUECKE, 1982, p. 22).

De acordo com o autor, a ironia possuía um conceito vago até meados do século VIII (na Europa) e só passou a ter uma definição consistente no final deste mesmo século. Ele enfatiza as mudanças:

Onde antes se encarava a ironia como algo essencialmente intencional e instrumental, alguém que realizava um propósito

usando a linguagem ironicamente (...), agora era possível considerar a ironia como algo que, ao invés, podia ser não-intencional. Algo observável e, por conseguinte, representável na arte, algo que aconteceu ou de que alguém se tornou ou podia se tornar consciente (...); de agora em diante, a ironia tem natureza dupla, ora instrumental, ora observável. Onde antes a ironia era tida como praticada apenas local ou ocasionalmente (...), tornou-se possível agora generalizá-la e ver o mundo todo como se fosse um palco irônico e toda a humanidade como se fossem atores simplesmente (...). E onde antes se encarava a ironia como um ato finito ou no máximo uma maneira adotada (como no caso de Sócrates), podia-se agora também considerá-la um cometimento permanente e autoconsciente: o ironista ideal seria sempre um ironista, atento mesmo à ironia de ser sempre um ironista; em suma, a ironia pode ser encarada como obrigatória, dinâmica e dialética (MUECKE, 1982, p. 34-35).

Ainda importante citar:

O primeiro estágio, logicamente senão cronologicamente, deste novo desenvolvimento foi considerar a ironia em termos não de alguém ser irônico, mas de alguém ser a vítima da ironia, mudando assim a atenção do ativo para o passivo. A vítima poderia ser o alvo de uma observação irônica, feita em sua ausência ou não, ou a pessoa que deixou de observar a ironia, seja ela ou não ou seu alvo (MUECKE, 1982, p. 35).

E mais:

Os significados mais interessantes em Cícero e Quintiliano – ironia enquanto um modo de tratar o oponente num debate e enquanto estratégia verbal de um argumento completo – foram ignorados a princípio, e durante anos e mais a ironia foi encarada principalmente como uma figura de linguagem (MUECKE, 1982, p. 32-33).

A ironia é composta por uma ambiguidade não dita explicitamente e Muecke (1982, p. 48) diz que “a velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar a entender o contrário é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infindável de interpretações

subversivas” mas ainda assim, podemos dizer que ela é, a princípio, uma figura de linguagem “pela qual se diz o contrário do que se pensa, com intenção sarcástica’ (Cherubim *apud* Benetti, 2007, p. 40)”. Duarte (2006, p. 19) completa: “A ironia é, portanto, uma estrutura comunicativa que se relaciona com sagacidade, é mais intelectual e mais próxima da mente que dos sentidos, é mais reflexiva e consciente que lírica e envolvida”. Todas são definições que se acrescentam com o passar do tempo, formando assim, um conceito mais completo do que realmente ela é e do que realmente ela pode provocar seja em textos escritos ou orais.

“A ironia produz-se na tensão de dois polos: o sentido ‘literal’ e o do sentido figurado” (Benetti, 2007, p. 40). São dois lados que se equilibram e se completam e um lado não pode se concretizar sem que o outro esteja presente. Esses sentidos se dão pelo plano semântico e contextual. Sendo assim, “Para que a ironia se faça legível, é necessário que os dois sujeitos dominem o mesmo escopo de informações ou os mesmos mapas culturais” (Benetti, 2007, p. 41), como já foi exemplificado pouco acima, com a base de Charaudeau.

Isso nos leva a discorrer brevemente sobre a ambiguidade, que possui ligação direta com a ironia. Ela nos leva à duplicidade de sentido na compreensão das mensagens. “Longe de ser apenas um procedimento estilístico inefável, ela (a ambiguidade) se torna fonte de estratégia discursiva e elemento constitutivo de poder (Ferreira *apud* Benetti, 2007, p. 41)”. Porém, diferentemente da ironia, ela já possui essa capacidade de múltiplos sentidos internalizada, faz parte da sua estrutura, enquanto a ironia possui, basicamente, uma “mensagem única”, mas exposta de maneira ambígua pois tem um propósito específico, como citado nos parágrafos anteriores, mas devemos nos atentar que “a ironia é um fenômeno sutil, passível de análises divergentes (...)” (Maingueneau, 2007, p. 99), sendo assim, observada claramente a relação que ela possui com o duplo sentido.

Enfatiza-se novamente que a ironia tem intenção de satirizar, de tornar algo cômico usando termos antônimos para expor, geralmente algo que, se dito claramente, pode ser ofensivo ou até desconfortante.

Fala-se de ironia trágica, cômica, de modo, de situação, filosófica, prática, dramática, verbal, retórica, auto-ironia, ironia socrática,

romântica, cósmica, do destino, do acaso, de caráter – conforme a perspectiva de nomeação –, que pode preocupar-se com efeito, meio, técnica, função, objeto, praticante, tom ou atitude. Além disso, cada autor tem a sua própria ironia, que não difere apenas em técnicas, estratégias ou estilo da época (DUARTE, 2006, p. 18).

Aquele que produz uma carta com texto irônico tem por objetivo tornar mais visível alguma situação incorreta ou fora dos moldes tradicionais propostos pela sociedade, por assim dizer. Podemos observar isso nos textos de crítica política, por exemplo, tendo como teoria a citação de Benetti (2007, p. 10) de que “a força da ironia está sempre na construção de um campo de cumplicidade entre os sujeitos. No caso do jornalismo, entre o jornalista e o leitor (Benetti, 2007, p. 41)”.

Emitir um texto irônico é pensar no leitor. É preocupar-se em fugir do padrão de mandar uma mensagem direta e alterar para uma mensagem sobreposta por uma roupagem diferente. Uma estrutura que traz outra forma de chamar a atenção do interlocutor. Como relata Oliveira (2008, p. 43) “quando se fala ironicamente, pensa-se (a essência) em algo que não será pronunciado da mesma forma que foi pensado, mas será dito o contrário do que foi pensado”.

A ironia rejeita o comum, “subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (Maingueneau, 1977, p. 98) e faz trocadilhos entre o que é conotativo e denotativo. Quem escreve com essa ironia, evita que o leitor tenha uma leitura simples, mas incita-o, propositalmente, a pensar mais, de uma forma mais ampla:

O ironista não é imoral: ao contrário, ele obriga a imoralidade a sair do esconderijo, imitando seus defeitos, provocando-os, parodiando sua hipocrisia, de forma que ninguém mais possa acreditar nela. O riso do ironista é sempre calculado, intelectualizado, refletido (MINOIS *apud* BENETTI, 2007, p. 41).

Maingueneau (1997, p. 99) diz que torna-se obrigatória, para desvendar a ironia, “a diversificação dos meios utilizados: caráter hiperbólico do enunciado, explicitação de uma entonação (...), aspas, ponto de exclamação, reticências”, por isso, é notável que, muitas vezes, o ironista se utilize dessas ferramentas para tornar sua ironia mais explícita, mais visível. São formas de manifestação do

contraste entre a realidade e da máscara (ironia) que envolve a mensagem que o autor expôs.

A ironia é como diz Duarte (2006, p. 19), “afirmação de um indivíduo que reconhece a natureza intersubjetiva de sua individualidade (...)”. Ironizar é perceber um mundo novo e paralelo à realidade em que vivemos, é uma forma de colocar para fora um desabafo que pode ser de bem comum.

3.2. DISCURSO IRÔNICO

Depois de discorrer sobre a ironia e seus conceitos, trataremos neste capítulo do discurso irônico e seu processo de produção assim como sua manifestação por meio do texto, baseado nos estudos de Maingueneau, atrelando-os a opiniões de outros estudiosos da área.

Antes de falar sobre o discurso irônico e seu processo de fundamental é importante retomar que

A ironia é um recurso detentor de uma ampla liberdade subjetiva, pois, quando se manifesta, é necessário o uso de diversos procedimentos intelectuais para compreendê-la, já que está fundamentada entre o dito e o não-dito, o declarado e o não-declarado. Dessa maneira, devido às diversas possibilidades de interpretação concentrada em si, a ironia é um elemento que produz um tom de relatividade, a começar pela ação de relativizar o significado literal da mensagem pronunciada (BRAGA, 2009, p. 668).

Devemos observar alguns conceitos acerca da ironia e lembrar também que “o objetivo de quem ironiza é desmascarar valores que se colocam como únicos e verdadeiros, denunciar problemas e acontecimentos culturais, sociais e históricos” (Souza, 2008, p. 42).

Tendo em vista toda a explanação da ironia e sua função, falaremos, primeiramente, sobre o conceito de discurso. Todo discurso é uma enunciação e ele não “acontece” sozinho; está sempre internalizado dentro de um grupo ou da sociedade como um todo. O discurso “é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos (Orlandi *apud* Souza, 2008, p. 40)”. Falar em discurso é falar sobre tudo o que está relacionado à comunicação, no ato do enunciado e da enunciação: os sujeitos, o contexto, a situação, intenção, forma de interação entre sujeitos etc.

Souza (2008, p. 41) diz que “qualquer discurso se constitui como diálogo entre vários enunciados, estes constituídos socialmente”. Já Benetti (2007, p. 41) assegura que “o discurso é um jogo de imagens que nem sempre são

concordantes, carregando a possibilidade de equívocos e mal-entendidos”. Ambos os conceitos se completam e resumem a definição do discurso que este capítulo propôs a fazer.

Orlandi (*apud* Souza, 2008, p. 40) diz que “é possível afirmar que o sujeito do discurso é condicionado pela ideologia e pela formação discursiva, o que irá permitir o que o sujeito pode ou deve falar em um determinado contexto”. Sendo assim, podemos observar que o interlocutor, dentro do enunciado, usa de suas vivências, suas experiências para expor sua mensagem e dentro dela, seu discurso, internalizado. Por conta disso, notamos que o discurso se manifesta por meio do sujeito e é inerente a ele, uma vez que não existe realidade que antecede o discurso.

Dentre os vários tipos de discursos estudados, encontramos o discurso irônico que relataremos aqui. No capítulo anterior pudemos perceber o quanto o sentido de um texto pode ser influenciado pela ironia. É importante ressaltar, dentro deste assunto quanto

(...) ao tratamento estrutural e funcional da ironia, cujo plano de expressão pode-se resolver numa dimensão especificamente linguística, como é o caso de uma simples palavra, de um curto enunciado oral ou escrito, de um diálogo construído em parceria e interativa cumplicidade, de um longo romance, ou na combinatória verbo-visual, como é o caso dos segmentos informativos de uma primeira página de jornal, da capa de um livro ou de uma revista, ou mesmo de um anúncio publicitário. Em todos esses casos, a força argumentativa da construção irônica, indiretamente indiciada, mas obrigatoriamente partilhada pelas instâncias de produção e recepção, parece ser um dado incontestável na produção de efeitos irônicos de sentido (BRAIT, 1997, p. 11-12).

Essa manifestação do discurso irônico pode se dar por um plano inconsciente, já instaurado no dia a dia e nas estruturas ideológicas e culturais do enunciador. Como diz Maingueneau (1997, p. 76) “o falante é único, isto é, que cada enunciado só pode ser relacionado a um único autor, identificado como o locutor (oral ou escrito), aquele que diz *eu*, que é responsável pelo que enuncia”. O autor também diz que:

(...) um enunciado é composto de palavras para as quais não é possível fixar nenhum valor intrínseco estável (...), seu valor semântico não residiria, pois, em si mesmo, mas apenas nas relações que estabelece com outros enunciados, enunciados estes que ele está destinado a admitir ou aqueles que são supostamente capazes de por ele serem admitidos (DUCROT *apud* MAINGUENEAU, 1997, p. 61).

Maingueneau (1997, p. 76-77) esclarece ainda que “por ‘locutor’ entende-se um ser que no enunciado é apresentado como seu responsável” e “o enunciador representa, de certa forma, frente ao ‘locutor’ o que o personagem representa para o autor em uma ficção”. Quem faz o enunciado é quem enuncia. O leitor da mensagem fará inferências, preenchendo as lacunas do texto com o seu conhecimento de mundo, ciente de que as interpretações poderão ser múltiplas. Porém o enunciador quis “provocar” apenas uma, que pode ser exposta por meio da ironia, de maneira ambígua, gerando, no leitor, uma maior infinidade de compreensões.

Torna-se necessário, dentro deste assunto, lembrar também da polifonia existente no texto, que são as várias vozes manifestadas por meio do discurso. E “há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores” (Maingueneau, 1997, p. 76).

Ainda na questão semântica no discurso irônico:

O processo irônico fundamenta-se na lógica dos contrários na tensão entre o literal e figurado e numa relação muito especial entre o enunciador e seu objeto de ironia, e entre o enunciador e o enunciatário. A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados, o que de imediato torna isomorfa a cisão constitutiva do sujeito, do seu produtor. Por outro lado, também o enunciatário espelha a cisão, na medida em que capta a sinalização emitida pelo discurso e, através dela, aciona sua competência discursiva, ou como parceiro de um ponto de vista do enunciador (BRAIT *apud* SOUZA, 2008, p. 42).

Ainda sobre os sentidos figurado e literal, relacionados ao discurso irônico:

Uma maior depuração entre o que se pode entender por literal, por figurado e por antífrase, na perspectiva constitutiva do discurso irônico, parece revelar que a ironia é produzida, como estratégia significativa, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada da perspectiva de enunciação e, mais diretamente, do edifício retórico, instaurado por uma enunciação. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla decodificando, isto é, linguística e discursiva (BRAIT *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 46).

Não podemos nos esquecer da relação entre o autor e o leitor do texto irônico. Uma relação que vive em completa interação e por meio dela constrói o discurso irônico.

O produtor de ironia encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso, e através desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza. O conteúdo, portanto, estará subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário (BRAIT *apud* SOUZA, 2008, p. 41).

O ironista, quando se manifesta com seu discurso irônico propõe ao leitor que participe junto com ele da reflexão que o primeiro lhe incita a fazer. Maingueneau (1997, p. 30) diz que “(...) um sujeito ao enunciar presume uma espécie de ‘ritual social da linguagem’ implícito, partilhado pelos interlocutores”. Já “o ouvinte do dito irônico (seu leitor ou receptor) é convidado a fazer seu próprio raciocínio, lançando pontes entre o paradoxo percebido e o significado daquilo que ouve” (Duarte, 2006, p. 21). Não há dúvidas de que essa interação é necessária para que o discurso irônico seja tido como tal. São choques de sujeitos diferentes, (possíveis) culturas diferentes que, no efeito da compreensão, farão toda a diferença. Porque

(...) “os enunciadores” são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas, efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista. Ou seja, o ‘locutor’ pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua, instaurando a polifonia (MAINGUENEAU, 1997, p. 77).

Como o autor ainda ressalta: “com efeito, um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do ‘locutor’, a voz de um ‘enunciador’ que expressa um ponto de vista insustentável” (Maingueneau, 1997, p. 77). O ironista e seu leitor são, claramente, as peças-chave para a concretização desse humor enrustido em outros termos: a ironia.

Maingueneau trata a ironia como fenômeno e Duarte como estrutura comunicativa, além de outros que a tratam como uma simples figura de linguagem. Independente das definições serem divergentes, podemos perceber que ela pode não ser uma coisa ou outra, mas um aglomerado de conceitos que fazem dela única, completa e indispensável em alguns tipos de discursos (que não será tratado neste trabalho). Discursos que são irônicos e que possuem um propósito peculiar.

(...) um discurso irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois, ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável” (DUCROT *apud* CAVENAGHI, 2011, p. 255).

Porque

a ironia (...), na medida em que, articulando enunciações contraditórias, põe em movimento expressivo a subjetividade e alteridade do discurso, necessitando da manutenção dessa ambígua dualidade para caracterizar-se como fenômeno irônico (BRAIT, 1997, p. 13).

Quando tratamos de discurso (neste caso o de ironia), estamos tratando de fenômenos comunicativos decorrentes dessa interação e inferências: da troca de vivências e de interpretações que ocorrem por meio das mensagens. Então podemos constatar “(...) que o discurso irônico desencadeia um jogo entre o que o enunciado diz e o que o enunciador quer dizer, contando com o envolvimento do enunciatário ou leitor” (Souza, 2008, p. 41). Enunciatário e leitor são duas faces da mesma moeda, que possuem “visões” diferentes, mas tem um mesmo valor no plano em que se envolvem, neste caso, o semântico e contextual, uma

vez que o que o autor da mensagem quis dizer está por trás de todo um discurso construído a favor do seu objetivo: ironizar.

4. CAPÍTULO 4 – CARTAS DO JORNAL IMPRESSO E A CRÍTICA SOCIAL

4.1. CARTAS (IRÔNICAS) DO LEITOR DO JORNAL IMPRESSO: LOCUTOR/ENUNCIADOR, SLOGAN E POLIFONIA

Este capítulo, por fim, tem por objetivo analisar aspectos da ironia e do discurso irônico, discutidos anteriormente, em cartas de leitores selecionadas dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, cartas estas publicadas entre o segundo semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2015. Veremos aqui até onde a ironia vem a influenciar o texto que o leitor escreve para a redação destes jornais e de que maneira ela se manifesta.

Foram selecionadas cinco cartas de leitores que, de alguma maneira, usufruíram do fenômeno (como Maingueneau conceitua a ironia) da ironia para expressar sua indignação, seu desconforto em relação a algum assunto. Todas as cartas têm alguma crítica internalizada, algumas mais explícitas, outras menos.

Para iniciar essa reflexão sobre a presença da ironia, vamos retomar alguns conceitos e incorporá-los à análise feita dos *corpus* selecionado. No primeiro capítulo, falamos da função da carta do leitor (gênero) dentro do jornal ou da revista, portanto, esse gênero está instalado dentro de um discurso maior, que é o jornalístico.

Por conta disso, a carta do leitor extrai um pouco desse discurso jornalístico pois elas tratam de assuntos que foram inseridos no jornal. Ou seja, as cartas são resultados de um *feedback*¹ do que é publicado neste veículo de comunicação, desde o possível posicionamento dos colunistas ou até em relação às próprias reportagens ou acontecimentos sociais. Será notável o desconforto dos leitores, no decorrer das cartas.

Sabemos que, com a ironia, a construção semântica estabelece relações entre o discurso citado e a história (contexto). Melo (*apud* Oliveira, 2008, p. 85) afirma que, “para o leitor compreender a ironia contida nos quadrinhos, é preciso que haja um compartilhamento do assunto abordado entre autor e leitor. O autor

¹ 1. Electr regeneração, realimentação. 2. resposta. 3. retroinformação: comentários e informações sobre algo que já foi feito com o objetivo de avaliação. Adj. de regeneração (MICHAELIS, 1986, p. 105).

das tiras, para atingir seus objetivos, pressupõe que o leitor compartilhe desse conhecimento. Caso contrário, a piada ou a ironia não provoca o efeito de levar ao riso, ou a reflexão”. Não diferente da interpretação da ironia nos quadrinhos, como explica Melo, é a interpretação dessa mesma ironia nas cartas destinadas à redação destes jornais. Ao ler cada carta é possível notar o quão é importante o conhecimento prévio, de mundo, do leitor em relação às cartas expostas no jornal. Este leitor precisa se contextualizar para que a compreensão do texto como um todo, aconteça. É um processo de retomada de informações (conhecimento prévio) que gera outras informações (compreensão do texto em si e da mensagem que o autor da carta quis passar).

Para uma análise mais coerente vamos fazer uma breve definição da função do locutor e do enunciador dentro de um texto para que a análise do discurso dentro das cartas, a seguir, seja mais consistente. Podemos definir o locutor como aquele que é responsável pelo enunciado exposto e enunciador é o “eu” que está dentro do texto expondo diferentes perspectivas e pontos de vistas possíveis.

Ainda vale citar:

A noção de responsabilidade relacionada ao “eu” no enunciado associa-se a dois tipos de operação: situar-se como fontes de referências enunciativas, ancorar o enunciado na situação de enunciação; posicionar-se como responsável pelo ato de fala realizado” (ANDRADE e CIRELLI, 2005, p. 9).

Por conta disso, podemos conceituar o locutor como aquele que é o responsável pelo que fala e o enunciador o que forma as possíveis vozes dentro do texto, mostrando diferentes pontos de vistas. Entretanto Maingueneau (1997, p. 77) enfatiza que “o locutor assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam” e quando o texto é irônico, atribui-se a ironia ao enunciador. Por conta disso, os textos apresentados terão o locutor e o enunciador, sujeitos diferentes dentro de uma mesma história. Ainda assim, teremos como referência o autor ironista da carta e o leitor porque:

Como se sabe, os principais participantes do jogo da ironia são o interpretador e o ironista. Acreditamos, entretanto, que a partici-

pação do interpretador ou do receptor ou ainda do leitor, no caso da ironia literária, é decisiva, na medida em que está nas mãos desse receptor decodificar – ou não – a significação irônica (ALAVARCE, 2009, p. 18).

Consequentemente, com a presença marcante do enunciador por ele tratar-se de uma voz diferenciada dentro do texto e por apresentar diferentes pontos de vista, pode ocorrer o que chamamos de polifonia.

A noção de polifonia (...) pode ser definida como a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos – ao(s) interlocutores, a terceiros ou à opinião pública em geral (KOCH *apud* ANDRADE e CIRELLI, 2005, p. 8).

A polifonia se trata das diferentes vozes presentes no textos e Ducrot (*apud* Andrade e Cirelli, 2005, p. 8) “faz menção a dois tipos de polifonia: quando no mesmo enunciado se tem mais de um locutor e quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciador recobrando a intertextualidade implícita, sendo mais ampla”, porém esse assunto não será abordado na análise das cartas. Ducrot (*apud* Maingueneau, 1997, p. 76) também reforça que “há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores”. Além disso, há também outro importante elemento na análise do discurso irônico que não podemos desassociar da análise: o *slogan*.

O *slogan* leva a ações, impulsionando e até enganando. Consegue dar a seu destinatário a ilusão de ser seu destinador; presume a ausência de um enunciador, a qual se volta para o lugar que pode e deve ser ocupado por qualquer enunciador (ANDRADE e CIRELLI, 2005, p. 13).

Tendo em vista a complexidade da ironia, torna-se necessário analisar nas cartas a forma como ela se apresenta e quais os meios que são utilizados pelo leitor do jornal/autor da carta para sustentar seu discurso irônico. Como recursos também importantes na análise, será possível verificar a influência do *slogan* nas

cartas, fazendo uso da relação do contexto com o texto, observando também a relação do locutor e do enunciador, juntamente com a polifonia possivelmente existente. Como consequência disso, poderemos analisar enfim, as possíveis interpretações geradas pela ironia.

Os textos selecionados são textos que criticam, de alguma forma, alguma “irregularidade” do ponto de vista social. Todas as cartas vêm de jornais que possuem visões políticas um pouco distintas e, por isso, a posição dos leitores é manifestada das mais variadas formas e discursos. Quanto à estrutura, todas possuem título, texto e nome do autor do texto publicado, juntamente com a cidade em que ele reside. O jornal *O Estado de S. Paulo* insere, também, o e-mail junto à assinatura da carta.

O primeiro texto selecionado tem como título “Propinoduto”, notavelmente um neologismo criado em função do texto que vem a seguir, já nos remete a ideia de “propina”. Vejamos:

Carta 1 - Propinoduto²

Propinoduto

Quem trabalha honestamente não
ganha nem metade do que ganhava
Renato Duque na Petrobrás, que
recebia propinas a cada 15 dias. No
Brasil o crime realmente compensa.

ANNA CAROLINA MEIRELLES

annacmeirelles@gmail.com

São Paulo

Observamos, já no título, um *slogan* atraente, por se tratar de uma palavra nova e criada, obviamente, para um propósito no texto. Foi uma forma de não citar claramente o assunto em questão, mas abrir possibilidades sobre o assunto

² Jornal Estado de S. Paulo, quinta-feira, 12 de fevereiro de 2015, p. A2, ano 136, n. 44.312, edição de 1h15.

que vem logo abaixo do título. Quando nos referimos à atração do *slogan*, observamos que isso decorre do fenômeno linguístico, o neologismo: uma nova palavra criada, adquirindo, por meio de outra palavra já existente, um novo significado. Neste caso, o *Propinoduto* que se refere a canal de transferência de possíveis propinas, explicitamente ligado ao escândalo da Petrobrás, ocorrido recentemente e que foi manchete em muitas capas de jornais e noticiários de TV.

Nota-se a necessidade de contextualização já no próprio título. O leitor sabe que para “desvendar” a palavra será necessário ler a carta, mas ele necessita mais do que simplesmente uma interpretação subjetiva e uma leitura precisa. Ele precisa de informações adicionais que facilitem a compreensão do contexto em que se insere o assunto acima. Quem leu o jornal nos dias anteriores, provavelmente saberá do que se trata, talvez até com muitos detalhes. A leitora/autora da carta começa o texto fazendo sua crítica a Renato Duque,³ que, por meio de denúncias, foi descoberto aceitando propina quinzenalmente dentro da Petrobras (o caso polêmico da Petrobras). O leitor precisa, neste momento, se contextualizar a respeito da situação, dos personagens e do tempo em questão para que essa interpretação do texto, antes mesmo da ironia, seja efetivo.

Ela finaliza com uma ironia simples, mas bem visível. Observa-se um locutor notável (como em todas as outras cartas a seguir) apenas pela assinatura da carta, mas notamos um enunciador que se afasta do discurso, sem “se incluir” no texto, mas que deixa claro seu posicionamento crítico. As vozes incluídas no texto demonstram a presença da polifonia, porque quando diz “No Brasil o crime realmente compensa”, faz-se evidenciar a contradição de ideias que, neste caso, é intencional e gera a ironia de que falamos, ironia esta que está carregada de um leve sarcasmo em forma de denúncia crítico-social.

Orlandi (1996, p. 146) diz que “do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas que, por sua vez, são partes da formação ideológica”. Dentro dos padrões da nossa sociedade, sabemos que o crime não compensa, é ilegal e contra as leis preestabelecidas, mas a autora do texto mostra, por meio da crítica que a corrupção está tão intensa que, no Brasil, compensa ser criminoso. São formações ideológicas existentes dentro deste contexto social que fizeram a leitora/autora da carta mandar essa mensagem,

³ Ex-diretor de Engenharia de Serviços da Petrobras, preso no final de 2014.

porém esta ironia ativa interpretações que podem ultrapassar o limite que o próprio texto imponha.

Um autor descontextualizado e talvez inexperiente quanto à interpretação dos vários sentidos propostos em textos irônicos poderá entender esta última frase da carta como um incentivo à criminalidade, por mais que para outros leitores, esse trecho demonstre, obviamente uma ironia enrustida. O que é possível ver neste texto é a crítica social e política, uma forma de chamar a atenção das autoridades e da própria população. Independente de qual interpretação seja feita, ela sugere reflexão por parte de quem a lê.

Outro detalhe notável é que a leitora termina a carta justamente com a frase irônica. Esta também é uma estratégia ocasionada dentro do discurso propositalmente irônico. Uma forma de reflexão que a leitora/autora da carta deixou como fechamento à sua crítica. O humor provocado nesta carta é ousada, porém é uma ironia mais séria, focada na crítica e não no riso, mas não deixando a ambiguidade de lado.

No segundo texto observamos outros recursos utilizados pelo autor da carta.

Carta 2 – Taxa de desemprego⁴

Taxa de desemprego

Taxa de desemprego em outubro,
4,7%? “Me engane que eu gosto” ...
Considerar Bolsa Família como
emprego assalariado é o fim da
picada!

MILTON BULACH

mbulach@gmail.com

Campinas

⁴ Jornal Estado de S. Paulo, sexta-feira, 21 de novembro de 2014, p. A3, ano 135, n.44229, edição de 00h30.

Na segunda carta selecionada, intitulada como taxa de desemprego – já denotando claramente qual será o assunto a ser tratado na breve carta –, o título é simples e já resume o assunto do texto que vem logo depois. O autor usa de uma expressão muito conhecida das pessoas: “me engane que eu gosto”. Este termo, explicitamente irônico, se faz mais evidente pelas aspas que o leitor coloca e enfatiza que essa taxa de desemprego, em outubro de 2014, é uma mentira (de acordo com o locutor), uma farsa exposta na sociedade. Esse recurso é bem explicado por Maingueneau:

As aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disto não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de si mesmo, ou melhor, da posição que o locutor assume através das aspas (Maingueneau, 1997, p. 91).

Com essa citação de Maingueneau, percebemos o quanto as aspas ajudaram a explicitar essa ironia que o autor quis mostrar. Ao mesmo tempo que o autor da carta enfatiza a ironia e sua crítica, ele pode se distanciar da sua declaração por meio dessa pontuação. Maingueneau (1997, p. 90) diz que “colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo”. Porém, neste caso, pode-se aceitar essas aspas como um reforço daquilo que o autor da carta fala e também como uma possível estratégia para chamar mais a atenção e provocar reflexão sobre a crítica feita por ele. Podemos perceber também que o uso das reticências, logo em seguida ao trecho aspeado, faz com que haja um “intervalo breve” de informações, intervalo este que nos sugere reflexão e também um ponto de prováveis inferências que serão feitas pelo leitor da carta. As reticências demonstram, em sua essência, uma fala não completada e também, nesta carta, um recurso de contribuição para a crítica que o autor do texto faz, pois distancia o discurso do locutor, ao mesmo tempo que o legitima.

Há a presença da ambiguidade neste trecho que classifica muito bem a ironia que o autor expôs. É o que a ironia provoca pois ao dizer “me engane que eu gosto” percebemos, por meio da sua reclamação, que trata-se do contrário,

que não gosta de ser enganado, receber informações errôneas que não condizem com a situação atual.

Foi a forma que este encontrou para denunciar, o que para ele, é uma irregularidade dentro do contexto social.

Quanto à contextualização, o leitor deste textos terá que saber do que se trata o Bolsa Família⁵, sua função e seus reflexos na sociedade, para que então, compreenda a insatisfação que está exposta na referida carta. São expressões, termos que fazem parte do cotidiano do cidadão e no mínimo, o leitor precisará se inteirar do que acontece ao seu redor para que compreenda a função do que foi citado.

Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar quem deveria ser designado como o “ironista”). Não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada. Na verdade, “pegar” pode ser um incorreto e até mesmo impróprio; “fazer” seria muito mais preciso (HUTCHEON *apud* ALAVARCE, 2009, p. 19).

Por conta da ambiguidade que a ironia provoca é possível notar que, mais uma vez, o leitor precisará fazer inferências e se contextualizar e que mesmo assim não garantirá a efetividade da ironia.

Ainda nesta carta, observamos que o discurso é direto, seu texto é conciso, porém muito objetivo, tornando-o também um pouco até agressivo, mostrando que o leitor, ao escrever a carta, mostrava indignação diante da notícia que foi publicada, mas não indignação com o jornal, neste caso, mas com os dados que, para o autor da carta, se mostram como inverdades.

O leitor, criador da carta, também finaliza sua crítica com uma expressão idiomática que, por meio da exclamação, demonstra sua insatisfação. O ponto de exclamação, além das aspas, é outra ferramenta muito utilizada pelos ironizadores, principalmente os que parecem mais inconformados. Maingueneau

⁵ O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar *per capita* inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos (...) (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME - MDS).

(1997, p. 90) retoma que “as ‘intenções’ do autor não são visadas, mas as aspas estão relacionadas ao conjunto do movimento da enunciação e, além disso, à formação discursiva na qual ele se inscreve”. Quaisquer desses recursos tornam possível para o leitor, especificamente desta carta, estabelecer relação do discurso com seu exterior, estabelecer relação com o que o leitor explica com o que realmente está acontecendo. Novamente, o texto proporciona uma reflexão ao final da leitura com “é fim da picada”, denotando ser essa situação um absurdo.

Assim como o título da carta anterior, a próxima carta não possui *slogan* tão instigante, mas um título simples que dá pistas claras sobre o assunto que será tratado.

Carta 3 – Aumento da gasolina⁶

Aumento da gasolina

Sempre escuto a frase “a Petrobrás é patrimônio dos brasileiros” e eu, burro, pagando gasolina a R\$ 3,20 o litro! Dá para entender? Se não tivessem quebrado a Petrobrás, a gasolina não seria bem mais barata?

**ARNALDO LUIZ DE OLIVEIRA
FILHO**

arluolf@hotmail.com

Itapeva

Neste terceiro texto analisado, percebemos novamente a presença das aspas confirmando o que foi dito anteriormente, porém a ênfase é diferente e a ironia vem logo a seguir, complementando o trecho aspeado “a Petrobras é patrimônio dos brasileiros”. Aparentemente, apenas como uma formalização de

⁶ Jornal Estado de S. Paulo, segunda-feira, 16 de fevereiro de 2015, p. A3, ano 136, n. 44316, edição de 2h.

que é um patrimônio nacional, o autor do texto ironiza com “(...) e eu, *burro*, pagando gasolina a R\$ 3,20 o litro!” como uma forma de protesto e reclamação. Esta ironia serve como reclamação, forma de expressar seu desconforto com o valor alto da gasolina. Além do uso das aspas, há novamente o uso do ponto de exclamação que além de expressar surpresa, envolvendo os sentimentos de desconforto do autor da carta, torna-se ali, outro recurso acrescido à ironia instalada.

O leitor poderá, claramente, compreender que essa ironia trata-se de uma indignação por parte do autor da carta. Esta ironia complementa a parte aspeada, dando a entender que o valor pago na gasolina não deveria ser tão alto, uma vez que a empresa é brasileira (sem a presença de taxas internacionais, de compra e venda, por exemplo). E, além, das aspas, este locutor usa o ponto de exclamação para expor aquilo que o incomoda, enfatizando sua indignação quanto à situação, tentando também comover o leitor, fazendo-o compreender o que fala.

Ao fim da carta, ele ainda sugere a possibilidade (usando uma pergunta para se afastar do que diz, mas generalizar o que acha) de uma inversão de situação caso a empresa não tivesse sido “quebrada”, como ele mesmo cita. A pergunta retórica “Dá para entender?” reforça a ironia exposta e vem para desencadear uma reflexão por parte de quem lê a carta.

Este escândalo da Petrobras (do qual não nos aprofundaremos aqui) é um dos assuntos mais debatidos nos últimos meses e tem provocado revolta na população, principalmente nos motoristas (tendo também em vista o caso citado pelo autor da carta). O caso do aumento no valor da gasolina e o escândalo da Petrobrás exigem, por parte de quem lê as cartas certa contextualização e isso nos demonstra a importância do conhecimento de mundo dos leitores do jornal no momento da leitura.

O autor desta carta fez uso de uma ironia simples e um pouco oculta dentro do seu discurso. Nesta carta, assim como na anterior, o leitor-autor se coloca dentro do texto para expor sua crítica e se intitula como “burro” por pagar tal preço no combustível. Logicamente, a ofensa que ele faz a si mesmo, denota o quanto se sente enganado ao pagar o valor que, aparentemente parece um absurdo (nota-se pelo uso do ponto de interrogação também presente na pergunta que vem em seguida “dá para entender?”) e que ele alega ser contraditório ao escândalo da Petrobrás.

Os enunciados relatados em discurso direto são postos entre aspas para marcar sua alteridade; esta última, além disso, é claramente manifestada pela ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado. Na palavra entre aspas, em compensação, esta ruptura não existe; a expressão aspeada é, ao mesmo tempo usada e mencionada, dependendo, conseqüentemente, da “conotação autonímica” (MAINGUENEAU, 1997, p. 89).

Podemos também ressaltar que as perguntas presentes dentro desta carta, sugerem a polifonia. Esta polifonia que se manifesta pela presença do locutor (aquele que escreveu a carta) e o enunciador (a voz que se manifesta durante o discurso). Essas vozes despertam, muitas vezes, diversas possibilidades de interpretação. “O fenômeno da ironia (...) poderia ser descrito nestes termos. Com efeito, um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do ‘locutor’, a voz de um “enunciador” (Maingueneau, 1997, p. 77) e nesta carta podemos perceber a voz do enunciador que se mantém presente.

A carta a seguir, foge levemente do padrão estabelecido para as cartas de leitores. Ela é um pouco maior que as demais e mais explícita, ainda assim, não deixa sua crítica de lado.

Carta 4 - Sexismo⁷

Sexismo

Fiquei decepcionada com o texto “Pais chatos” (“Ilustrada”, 23/2), de Luiz Felipe Pondé. O artigo em si está razoável, engraçado. Mas a conclusão foi de um machismo e um retrocesso incrustados na cultura brasileira, difícil de mudar. “Mães que não são lá tão obcecadas pelos filhos. Pena.”

⁷ Jornal Folha de S. Paulo, terça-feira, 24 de fevereiro de 2015, p. A3, ano 95, n. 31.373, edição de 00h03.

O que sugere? Que, além de trabalharmos, sermos bem-sucedidas, administrarmos casa, sejamos obcecadas pela criação dos filhos? E quem não é? E quem dá tratamento normal aos filhos? Assim como a maioria dos homens não o é ... É o quê? Péssima mãe, calculo que seja o pensamento do autor. Lastimável ler um texto inocente, engraçado, com conclusão tão retrógrada.

RENATA GIRCIS CALIXTO
(Santos, SP)

Como foi explicado no Capítulo 1, a estrutura de uma carta de leitor tem como característica a concisão física, mas podemos notar que, dentre as selecionadas aqui, esta, ainda assim, contém a estrutura básica e essencial de uma carta do leitor direcionada à redação do jornal. Diferentes das cartas anteriores que faziam uma crítica relacionada ao contexto social-político, esta carta faz uma crítica ao texto publicado por Luiz Felipe Pondé⁸. Ela mostra sua opinião, claramente, quanto ao texto do autor e se manifesta totalmente contrária e revoltada com a posição que o autor tomou ao escrever a coluna. A leitora do jornal usa de vários adjetivos (*decepcionada*, *lastimável* e *retrógrada*) para expor seu desconforto com tal publicação.

Nota-se que a autora da carta cita um trecho da publicação de Luiz Felipe Pondé e, em seguida faz a proposição extremamente irônica que sugere a polifonia (ela não se afasta da autoria das ideias, mas se inclui num grupo maior, o feminino, utilizando o “nós”): “O que sugere? Que além de trabalharmos, sermos bem-sucedidas, administrarmos casa, sejamos obcecadas pela criação dos filhos?”. Esta é uma pergunta retórica, que exige apenas uma reflexão, dando uma sugestão de qual é sua posição diante do exposto, neste caso, usando a ironia e deixando esta pergunta um tanto ambígua, o que não liberta o leitor da

⁸ Luiz Felipe Pondé é um filósofo, escritor e ensaísta brasileiro.

contextualização e inferências que são necessárias para compreender a posição que ela supõe ter sido feita pelo colunista e a posição que ela toma ao divulgar sua reclamação sobre a publicação. Neste caso, “a ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo seu locutor (Maingueneau, 1997, p. 98)”.

Por fim, na última carta selecionada, temos como título o assunto diretamente relacionado à ironia: humor. Um título-*slogan* sugestivo, pois já esboça, a princípio uma leve ironia que será reforçada no decorrer da carta.

Carta 5 - Humor⁹

Humor

Constato, em tiras e charges do jornal,
maior presença do “humor a favor”. É
o fim... do humor.

JOSÉ ARNALDO FAVARETTO

(Ribeirão Preto, SP)

Temos aqui, como última carta analisada, um texto extremamente conciso, porém, com grande carga semântica. Atendendo às especificidades da carta do leitor: texto curto com caráter crítico-social, escrita em primeira pessoa e que possui um locutor explícito (conjugado em “constato”) e que sugere, por meio da sua ironia, outra voz, a do enunciador, quando escreve “é o fim... do humor”.

A ironia, nesta carta, está exposta de forma mais discreta, pois o leitor faz queixas ao humor das charges do jornal. Ele usa as aspas para enfatizar o “humor a favor” que diz respeito ao humor a favor de coisas que aparentemente lhe desagradam. Mais uma vez percebemos o valor das aspas dentro do discurso irônico e completamente crítico.

A ironia vem ao final da carta com “é o fim... do humor” com uma crítica direta que o humor serve claramente para contrariar. Atualmente, nas charges e

⁹ Jornal Folha de S. Paulo, quinta-feira, 26 de fevereiro de 2015, p. A3, ano 95, n. 31.375, edição de 00h55.

tiras do jornal, é extremamente comum ser retratado assuntos do cotidiano, em sua maioria, os de cunho social. Eles são feitos com a finalidade de entreter ao mesmo tempo em que faz o leitor do jornal refletir. É uma crítica cômica e como crítica, denota algum tipo de reclamação (direta ou indiretamente, dependendo de quem produz), mas de forma bem-humorada, visando o riso, mas também a exposição de algum problema na sociedade, sendo assim, mostrando sua contrariedade em relação aos assuntos expostos. O riso vem com a exposição do “diferente”, da crítica a alguma coisa e claramente o autor/leitor da carta se posiciona contra as charges que vêm sendo publicadas neste jornal, pois estas, de acordo com o que diz, contrariam essa essência do humor, que seria provocar o riso por meio do contraditório, como é, em termos tradicionais.

É notável que o autor desta carta faz um jogo semântico com a palavra *humor*. Ela assume, contextualmente, significados diferentes na mesma carta. Quando o autor diz “humor a favor” ele evidencia um caráter negativo da palavra, uma vez que o humor decorre de um fenômeno que contraria, de alguma forma, a ideia do que foi dito (pois a intenção é o riso e este decorre da inferiorização de algo, como citado no capítulo anterior). Em seguida, a palavra toma a sua forma tradicional em “É o fim... do humor”, humor este que conhecemos por se tratar de uma ridicularização do outro ser, assunto, objeto etc., porém, com esta última frase o autor faz uma negação do que foi dito, sugerindo a polifonia, a existência de outra voz que denota o locutor e enunciador presentes nesta carta.

A negação pode igualmente ser objeto de uma análise polifônica. Na realidade, é antiga a ideia de que é preciso distinguir, em um enunciado negativo, duas proposições, a saber, uma proposição primeira e outra que a nega, mas o recurso à distinção locutor/enunciador permite ajustá-la e integrá-la a um quadro mais geral (Maingueneau, 1997, p. 80).

Notamos essa ocorrência por meio da palavra “presença” e, logo em seguida, a palavra “fim”, cujas quais se tornam contrárias, pois a primeira tem uma certa carga positiva e a última, negativa, mas vale a ressalva de que “... as categorias riso, ironia e paródia atuam na suspensão da censura, contrariando, muitas vezes, uma ideologia que se diz séria e ocasionando, pois, discursos

polifônicos e conflitantes” (Alvarce, 2009, p. 15). O autor deste texto provoca um humor leve feito pelo jogo semântico, onde há a polissemia de palavras que promove a ligação de dois universos semânticos e contextuais. E Maingueneau diz que:

O tom está necessariamente associado a um caráter e uma corporalidade. O “caráter corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer. (MAINGUENEAU, 1997, p. 47).

Mas Maingueneau (1997, p. 90) ainda afirma que “à diferença dos fenômenos polifônicos já lembrados, este não se refere às proposições, mas às palavras, sintagmas atribuídos a outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir”.

Quanto à questão contextual, o leitor precisará, novamente, usar seu conhecimento compartilhado, compreender sobre as charges, sua função etc., e sobre o conceito e presença do humor neste gênero (charges) citado pelo autor da carta.

Como se sabe, os principais participantes do jogo da ironia são o interpretador e o ironista. Acreditamos, entretanto, que a participação do interpretador ou do receptor ou ainda do leitor, no caso da ironia literária, é decisiva, na medida em que está nas mãos desse receptor decodificar – ou não – a significação irônica (ALVARCE, 2009, p. 18).

É possível perceber nas cartas apresentadas que a ironia está brevemente instalada e enfatizada, em alguns momentos por pontuação específica que colabora com a função do discurso irônico e com o objetivo do autor, mas, ainda assim, podendo provocar diversas interpretações por parte do leitor das cartas. Há a ironia presente de forma mais e menos explícita, mas todas elas são fundamentais para a crítica que os autores pretendiam fazer, mesmo que, em algumas delas, não tenha provocado tanto o riso quanto o discurso irônico propõe. As ferramentas usadas legitimam a ironia que está presente nos textos e

pode-se perceber o quanto a presença do locutor e enunciador são importantes e estão constantemente relacionadas à polifonia sugerida no início do capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a forma como a ironia se manifesta dentro das cartas dos leitores que são enviadas à redação dos jornais escolhidos e como ela pode influenciar a leitura e interpretação do receptor. A pesquisa revelou que a ironia está muito presente nestas cartas destinadas à redação, algumas de forma mais explícita que outras, mas se manifesta de variadas maneiras.

Foi possível perceber que os leitores usam a pontuação, talvez de forma inconsciente, como mecanismo de defesa, para se afastar da declaração feita, torná-la um tanto impessoal. As aspas, além de serem usadas para dar ênfase a alguma expressão, também foram utilizadas para explicitar a ironia, assim como também vimos o uso do ponto de exclamação que, além de denotar expressões aparentemente mais “acaloradas”, também fez sua colaboração à ironia instalada nas cartas. No caso das reticências, estas reforçaram que mais texto estava por vir, mas também proporcionou uma breve pausa para o leitor, sugerindo talvez uma breve reflexão.

Na teoria vimos que alguns teóricos falaram sobre o humor relacionado à ironia, mas foi notável, em algumas cartas, que havia, ao invés do humor, uma carga dramática mais relacionada à crítica e à própria insatisfação do leitor em relação ao assunto que descrevia, sendo assim, não provocando o riso que muitos autores diziam ser esperado, mas ainda assim, sendo uma ironia legítima.

Vimos também que as ironias expostas quiseram dizer o exatamente o contrário daquilo que estava escrito, forma que o leitor encontrou para mostrar sua opinião sem parecer muito agressivo e extremamente acusativo.

Outro ponto importante na análise foi a contextualização por parte do leitor das cartas. Algumas expressões irônicas necessitam que o leitor ative um pouco mais seu conhecimento prévio, fazendo todas as inferências possíveis, pois só assim a ironia pode se efetivar e o texto ser compreendido na sua complexidade. Por conta da ambiguidade presente, ocasionada pelo discurso irônico, as interpretações podem ser variadas, mas podemos concluir as mensagens passadas pelos autores das cartas se mostra efetiva, objetiva, embora discreta em alguns momentos.

Por conta do discurso irônico observamos também que a crítica social se mantém presente na maior parte do tempo. São leitores visivelmente insatisfeitos com a situação em que se encontram.

Por fim, podemos concluir que a ironia é um elemento que contribui para a exposição de uma crítica, fazendo com que o leitor se distancie do que foi enunciado, mas não deixando de dar sua opinião. O lado subjetivo nas cartas ainda é forte, mas por provocar várias possíveis leituras, a ironia torna-se um fator importante e que constrói, junto com outros elementos, uma mensagem de grande carga reflexiva. As cartas de leitores mostram assim que têm grande valor que provoca a reflexão por parte do público do jornal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja, Líbero – Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, Ano X, n. 20, p. 37-46, dez./2007.

BRAIT, Beth. *Leituras, significações, efeitos de sentido*. Líbero (FACASPER), São Paulo, v. 6, n. 11, p. 36-43, 2003.

_____, Beth. *O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação*. Letras: Santa Maria, v. 15, p. 11-28, 1997.

CAVENAGHI, A. R. A. Mafalda: humor, ironia e intertextualidade. *III Encontro Nacional de Estudos de Imagem*. Londrina-PR, p. 250-264, 2011.

DIAS, A. R. F. . Leitura crítica do humor no jornal. In: Vanda Maria Elias. (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, v. , p. 205-214

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DUARTE, Lelia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Minas Gerais: Editora PUC Minas. 1. ed. 2006.

FACIOLI, Adriano. *A ironia: considerações filosóficas e psicológicas*. Curitiba (PR), Brasil: Juruá, 2010.

FERREIRA, Nadiajda. Mas que ironia! *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo. Escala Educacional, p. 8-11, 2007.

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAINGUENAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

MARCUSCHI, Luis Antonio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MICHAELIS. *Pequeno Dicionário Michaelis*. 20. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

MUECKE, D. C. *Ironia e Irônico*. Série debates. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORRA, Samira Ahmad. Tempo, aspecto e modo verbais e o gênero textual carta do leitor: Análise de tarefas do Celpe Bras. 2013. 95 fls. Dissertação de Mestrado – USP- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Filologia e Língua Portuguesa.

PARREIRA, M. S. *Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal*. 2006. 225 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

ROCHA, Elisabete Iles Canã de Souza. *As marcas da oralidade e suas implicações em diversos gêneros textuais*. 2008. 44 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdades Integradas de Ribeirão Pires, Ribeirão Pires, 2008.

SOUSA, Ana C. Luisa. Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Pato de Minas, Ano 1, p. 39-48, 2008).

FONTES ELETRÔNICAS

ALAVARCE, C. S. A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p. ISBN 978-85- 7983-025-9. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/5dcq3/pdf/alavarce-9788579830259.pdf>>. Acesso em 25 de fev. 2015

ANDRADE, A. E. N. M.; CIRELLI, R. A. Polifonia em slogans. *Revista Letra Magna*, n. 2, ano 2, 2005. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/polifoniaemslogans.pdf>>. Acesso em 12 de fev. 2015.

BASTOS, Neusa Barbosa *et al.* *Língua Portuguesa: Uma visão em mosaico*. São Paulo: EDUC (PUC-SP), 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=u-_tIaEjvxgC&oi=fnd&pg=PA201&dq=tipologia+textual&ots=Hsk-5eL8HD&sig=COiWoIP4w0xExCloXju7i2CE1as#v=onepage&q=tipologia%20textual&f=false>. Acesso em 25 de out. 2014.

BRAIT, Beth; PISTORI, M. H. Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, rev. linguíst. (São José Rio Preto) vol. 56 n. 2 São Paulo jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 10 de set. 2014.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como gênero discursivo. *SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*, Aracaju, volume, 15 fls., Nov./2007. (verificar formatação) Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coordenada_6_.ma rcia_benetti.pdf>. Acesso em 6 de mai. 2014.

BRAGA, Elda Firmo. A ironia como um elemento subversivo à ordem e ao poder In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas UFMG, Belo Horizonte: Faculdades de Letras de Minas Gerais, 2009, 666-674. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%20503-1004/A%20ironia.pdf Acesso em 18 de fev. de 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A origem do alfabeto. Disponível em: <http://dalete.com.br/saber/origem.pdf>. Acesso em 27 de out. 2014.

DELL' ISOLA, R. L. P. (Org.). Nos domínios dos gêneros textuais. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/nosdominiosdosgeneros-v2.pdf#page=30>. Acesso em 8 de nov. 2014.

ESTEVES, J. M. V. Ironia e argumentação. 1997. 156 f. Tese de Mestrado em Filosofia – Universidade Nova de Lisboa. (Sem local e data de defesa). Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/esteves-jose-manuel-ironia-argumentacao.pdf>. Acesso em: 18 de fev. de 2015.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2005, vol. 18, n. 3, p. 323-329. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000300005>.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. Gêneros textuais como práticas sócio-históricas. Disponível em: http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf. Acesso em: 27 de out. 2014.

MARQUES, Ester. Estruturas do discurso jornalístico. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf> >. Acesso em 6 de mai. 2014.

MOTTA, L. G. A análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em 6 de mai. 2014.

NOVAES, A M. P. O discurso dialógico do Gênero Cartas do Leitor. *Revista escrita: revista do curso de Letras da UNIABEU*, v. 3, p. 76-85, 2012. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/505/pdf_238> Acesso em 14 de set. 2014.

OLIVEIRA, M. L. S. *A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda*. 2008. 131 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória. 2008. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3075_Disserta%E7%E3o%20Monica%20Oliveira.pdf>. Acesso em 12 de mai. 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, MDS. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 18 de mar. De 2015.

SILVEIRA, M. I. M. *Análise de gênero textual: Concepção Socio-Retórica*. Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2005, 144 p. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cIOBQLZR4SwC&oi=fnd&pg=PA9&dq=g%C3%AAnero+textual&ots=fZjX6PyS9j&sig=I0OhKWfHyvUK-jGfGUBawqu5fao#v=onepage&q=g%C3%AAnero%20textual&f=false>>. Acesso em: 3 de out. 2014.

SOUSA, J. P. *Elementos de jornalismo impresso*. Porto, 2001. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em 6 de mai. 2014.